

PENTAGRAMA

Revista bimestral do
LECTORIUM ROSICRUCIANUM

Ano vinte e dois - Janeiro/Fevereiro

2 0 0 0

O CORPO É UMA
SOMBRA DE DEUS, MAS
A ALMA É SUA IMAGEM
IMORTAL

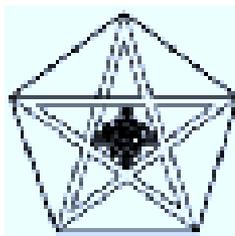
A MANIFESTAÇÃO
DO ESPÍRITO DIVINO:
OBJETIVO DA ALMA
HUMANA

NÚMERO I

OS 75 ANOS DE
ATIVIDADE DA
ROSACRUZ ÁUREA

O ANEL DA
SABEDORIA

MTI-MFALM, A
LENDA DA ÁRVORE
REAL



REVISTA BIMESTRAL DA
ESCOLA INTERNACIONAL
DA ROSACRUZ ÁUREA
LECTORIUM ROSICRUCIANUM

Editado nos seguintes Idiomas:

Português, Alemão, Espanhol*,
Francês, Holandês, Húngaro,
Inglês, Italiano*, Polonês e
Sueco.

A revista é editada 6 vezes por
ano (*Editada 4 vezes por ano)

Redação:

- Lectorium Rosicrucianum
Bakenessergracht 11-15
NL - 2011 JS Haarlem, Holanda

Administração:

- Stichting Rozekuis Pers
Bakenessergracht 5
NL - 2011 JS Haarlem, Holanda
- Lectorium Rosicrucianum
Lindenlei 12
B - 9000 - Gent, Bélgica
Representado por E.De Keyser
- Rozekuis Pers France
Rua Tourtel Frères
F - 54116 - Tantonville, France
- Lectorium Rosicrucianum
Ch - 1824 - Caux, Suíça

Edição Brasileira:

- Lectorium Rosicrucianum
Caixa Postal 39
Jarinu - CEP 13.240-000
São Paulo - Brasil
Tel: (011) 4016-4234
Fax: (011) 4016-3405
e-mail: lectoriumjarinu@amhanet.com.br

A reprodução somente é
permitida quando citada a fonte de
origem e com o envio de um exemplar.

© Stichting Rozekuis Pers.
Reprodução proibida sem
autorização prévia.

A revista Pentagrama propõe-se a atrair a atenção de
seus leitores para a nova era que já se iniciou para o
desenvolvimento da humanidade.

O Pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo
do homem renascido, do novo homem.

Ele também é o símbolo do universo e de seu
eterno devir, por meio do qual o plano de
Deus se manifesta.

Entretanto, um símbolo somente tem valor
quando se torna realidade. O homem que realiza o
Pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio
pequeno mundo, consegue permanecer no
caminho da transfiguração.

A revista Pentagrama convida o leitor a
operar esta revolução espiritual em seu
próprio interior.

PENTAGRAMA

Este primeiro número da revista Pentagrama de ano novo traz um apanhado geral das atividades nacionais e internacionais do Lectorium Rosicrucianum, a fim de informar os leitores. Esta visão geral mostra, em texto e imagem, o estreito laço que une todos os que trabalham para divulgar a filosofia da Rosacruz Áurea e para atrair a atenção dos pesquisadores sobre sua mensagem.

A Redação



ÍNDICE

- 2 O CORPO É UMA SOMBRA DE DEUS, MAS A ALMA É SUA IMAGEM IMORTAL
- 15 A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO DIVINO: OBJETIVO DA ALMA HUMANA
- 20 OS 75 ANOS DE ATIVIDADE DA ROSACRUZ ÁUREA
- 37 O ANEL DA SABEDORIA
- 42 MTI-MFALM, A LENDA DA ÁRVORE REAL

2000

ANO VINTE E DOIS
NÚMERO 1

“O CORPO É UMA SOMBRA DE DEUS, MAS A ALMA É SUA IMAGEM IMORTAL”

(Marsílio Ficino)

O filósofo Marsílio Ficino, nascido em 1433, morreu em 1499. Protótipo do homem do Renascimento, ele foi escritor, tradutor, músico, médico, e, principalmente, grande filósofo. Sem exageros, a influência de suas idéias sobre seus contemporâneos foi imensa. Ele manteve correspondência com todos os homens eminentes da Europa e desempenhou um papel preponderante na redescoberta dos filósofos gregos, principalmente graças a suas traduções das obras de Platão. No final de sua vida, ele brincou, dizendo que suas cartas haviam conquistado toda a Europa.

Na passagem deste novo século, seus textos profundos e puros, dos quais os mais conhecidos são as cartas, podem também ser uma fonte de inspiração. Para dar uma idéia, podemos citar uma carta de Cosme de Médicis, o mais importante dignitário da cidade de Florença, a seu protegido, Marsílio Ficino, intitulada: “Sobre o desejo de ser feliz”, que é um tema sempre atual.

“Cosme de Médicis saúda Marsílio Ficino, o platônico.

Ontem fui ao meu domínio de Carregi, não para trabalhar a terra, mas sim o espírito. Venha nos encontrar o mais rápido possível, Marsílio, e traga o livro de Platão

sobre o Bem superior que você sem dúvida traduziu do grego em latim, como você havia prometido. Não há nada que eu deseje saber mais ardentemente do que qual seria o melhor caminho que conduz à felicidade. Até logo, e não venha sem a sua lira de Orfeu.”

“O CAMINHO DA FELICIDADE”

Esta carta mostra claramente que Ficino não era somente um filósofo apreciado, mas também um músico apaixonado e um hábil médico. Vemos isto por sua resposta intitulada: “O Caminho da felicidade.”

“Marsílio Ficino ao grande Cosme: Salve! Logo que puder, irei com o maior prazer, pois será que existe alguma coisa mais agradável do que ficar em Carregi, o país das graças, com Cosme, o pai das graças? Enquanto estiver à minha espera, aprenda rapidamente qual é o melhor caminho que conduz à felicidade, segundo os platônicos.

É a sabedoria que, por causa de nossos esforços, nos faz ver nossos esforços se realizarem em todas as atividades humanas. A sabedoria, por seu lado, nunca divaga ou se engana, pois de outra forma ela não seria a verdade. Como a sabedoria é, portanto, o que nos permite atingir a meta proposta, ela é de extremo valor para a realização da felicidade.

Por si mesmos, os dons eventuais do homem não são bons nem maus. Para o sábio, as circunstâncias boas ou más são



úteis, pois ele faz bom uso das duas. Mas com o ignorante acontece justamente o contrário. É por isso que o melhor de nossos dons é a sabedoria, enquanto que a ignorância é má por si mesma. Como todos gostaríamos de ser felizes; e como esta felicidade só pode ser adquirida com o bom uso de nossos dons; e como quem nos oferece este bom uso é o conhecimento; cada um de nós deve começar preenchendo-se de amor pela sabedoria e aspirando com a maior devoção a conseguir ser o mais sábio possível. Desse modo, nossa alma se torna mais semelhante a Deus, que é a própria sabedoria. Segundo Platão, é nessa semelhança que reside o grau superior de felicidade.

Esperamos que estas palavras desper-

tem o interesse do leitor.”

Seguindo as pegadas de Ficino, tentamos encorajar todos os homens a adquirir a compreensão e o conhecimento dos valores e da finalidade da existência terrestre. É assim que Ficino tentava ajudar o seu próximo, e, se necessário, sustentá-lo e consolá-lo.

A TRADUÇÃO COMPLETA DOS TEXTOS HERMÉTICOS

O pai de Marsílio Ficino era médico de Cosme de Médicis. Dizem que sua mãe era vidente.

Ficino gostava muito de seus pais, a

Hermes Trismegisto
conversa com
Moisés (laje do
século XV, Catedral
de Siena, na Itália).

À esquerda:
Lorenzo de
Médicis.
À direita: Cosme
de Médicis.

quem manteve financeiramente durante a velhice. Quando era jovem, não lhe faltaram bons professores e ele publicou sua primeira obra com 23 anos: *A Doutrina de Platão*. Cosme de Médicis ordenou-lhe que aprendesse grego para traduzir as obras originais dos gregos mais célebres e para poder consultá-las. Por volta de 1462, Ficino publicou suas primeiras traduções: os *Hinos de Orfeu* e os *Gathas de Zoroastro*. No ano seguinte veio uma obra ainda mais importante: a tradução completa dos textos herméticos, que seria reeditada muitas vezes.

Ficino tinha saúde frágil. Sempre ficava doente e sofria de depressão. Um dia, quando estava neste estado, seu amigo Giovanni Cavalcanti o aconselhou a escrever sobre “o amor” como se fosse um remédio. Foi assim que ele redigiu *De Amore*, um comentário sobre o *Banquete* de Platão. Neste texto, como a criação começou, tuou, e como ele finalmente sua fonte por meio de um de amor que não pode ser rompida.

DISCIPLINA: CONDIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO ESPIRITUAL

Em 1469, Ficino terminou o resumo dos diálogos de Platão e no ano seguinte começou a *Teologia Platônica* que trata da imortalidade. Esta seria uma de suas obras importantes, com um total de menos que 18 volumes. Ele demonstrou a imortalidade e descreve o que constitui

res da civilização ocidental: a religião judaico-cristã e a filosofia grega. Em seguida, ele publica ainda inúmeras obras de filósofos gregos. Seu último livro, um comentário da Epístola de Paulo aos Romanos, jamais foi acabado. Para ele, a disciplina era a condição essencial para atingir a meta espiritual. Ele era vegetariano como Pitágoras. Levantava-se muito cedo todos os dias, praticava a abstinência e a sobriedade, o que permitiu a seu espírito libertar-se dos dogmas que se tornaram letras mortas. Ele considerava a senda cristã como sendo a melhor, mas também pensava que muitas outras sendas poderiam conduzir à mesma meta. Em *Religião Cristã*, ele escreve: “A providência divina não permitiria que pudesse haver, em alguma parte do mundo, um período por mais curto que fosse, sem nenhuma religião, mesmo que sempre exista um meio de adaptar os

mudanças dos tempos. talvez, o objetivo da lade: ser agradável a adorando-o de inúmeras maneiras diferentes, ou mesmo de modo pouco conveniente, pois é elbor que seja assim do que recusar a adorá-lo por orgulho.”

Ficino não foi o primeiro a pensar que a religião judaica e a filosofia grega vinham da mesma fonte: Zoroastro, Moisés e Hermes. Entretanto, ele mostrou que os outros de que estas duas tradições europeias tinham o mesmo autor e a mesma autoridade. Ele persuadiu seus contemporâneos de que uma filoso-



fia autêntica não diferia de uma verdadeira religião (pelo menos não mais do que uma religião autêntica poderia diferir de uma verdadeira filosofia). Na Catedral de Siena encontra-se uma imagem muito evidente de sua influência: um Moisés conversando com Hermes Trismegisto.

AS BASES DA DIGNIDADE HUMANA

Em 1439 Cosme de Médicis decidiu fundar em Florença uma academia platônica sob a direção de Ficino. Uma de suas *villas*, em Carregi, foi colocada à sua disposição com esta finalidade. Esta construção, situada sobre colinas, ao sul de Montevecchio, fica voltada para a *villa* de Médicis. Atualmente, tornou-se um museu que atrai muitos admiradores de Marsílio Ficino.

O ambiente da academia tornou-se muito vivo e elevado, espírito inspirado, que abordava assuntos mais do que o mundo transitório e irracional. Ele tinha uma autoridade e força. Protótipo do homem do Renascimento, como filósofo, estudioso, médico, músico, ele era um homem em quem Deus habitava: era sacerdote e monge. Inúmeras pessoas vinham para escutar seus sermões na Catedral de Florença. Ele não tinha medo de escrever para os dirigentes das ordens religiosas até mesmo ao papa falar sobre a corrupção que estava a se espalhar por toda a Itália. Para ele, a imortalidade era a divindade da alma consti-

base da dignidade humana. E ele não era o único a ter esta opinião. Dezenas de artistas e escritores tentavam exprimir as idéias de Platão de um modo novo e esta influência era visível em todos os níveis da sociedade. Mas as idéias da época geralmente ficavam reduzidas a demonstrações exteriores: assim, a riqueza e o poder tornaram-se as ambições dominantes daqueles que ainda não compreendiam que o Renascimento era um processo de renovação interior. A nobreza deixou seus castelos sombrios e construiu palácios de proporções harmoniosas, cheios de graça e luminosidade. A maior parte das torres sinistras e as ruas estreitas das cidades medievais foi desaparecendo. Organização e espaço: esta era a nova ordem. Inúmeras construções demonstram uma arquitetura equilibrada e magnífica e hoje nos fazem lembrar deste “renascimento da beleza”, que é a noção mais característica desta época.



mente na arquitetura e na dignidade do novo homem. Este espírito refletia: ela também em sua organização de Médicis, Cosimo de' Medici, foi considerado o exemplo de “homem universal”. Nobre, generoso, corajoso e fiel, ele passava facilmente de atividades de guerra ou de estado para a filosofia, a ciência, a poesia, a música e todas as formas de arte, onde sempre se mostrou excelente. Seu contato com estes assuntos bastante naturais, como o contato que ele tinha com os seus pares. Sua grandeza procedia de seu

ser interior e não da posição oficial. A academia de Florença exerceu grande influência sobre a cultura européia e as cartas de Ficino foram ligando muitas personalidades eminentes com as idéias e conceitos da antiga sabedoria.

SALVAR OS CLÁSSICOS DAS GARRAS DOS COVEIROS

O século XV foi uma época de grandes mudanças. A imprensa ainda era uma arte relativamente nova, mas foi-se propagando tão rapidamente que, 50 anos depois da morte de Guttenberg, já havia milhões de livros em circulação. Na Itália, Aldo Manuzio planejou imprimir toda a literatura grega. Em 1490, ele se instalou em Veneza como impressor encadernador, com 15 funcionários. Foi assim que imprimiu os clássicos gregos e latinos e também *A Divina Comédia* de Dante. Ele dizia que queria salvar os clássicos das garras dos coveiros para colocá-los à disposição dos leitores interessados a preços mais razoáveis. Como as cartas de Ficino foram impressas pela primeira vez em Veneza em 1495, não é provável que tenham sido editadas por Manuzio.

Mas deixemos a palavra com Ficino. Trata-se do trecho de uma carta para Tommaso Valeri, médico de Florença, a respeito da excelência, da utilidade e da aplicação da medicina.

“É preciso exercer a medicina, por um lado, com o maior respeito para com Deus; e por outro, com o maior amor para com os homens. É o que nos mostram Lucas, o evangelista, e os santos Cosme e Damião, por meio de seus exemplos. Pois, se Deus é o pai do bem, o verdadeiro médico é como Deus entre os homens, pois ele os afasta da morte e os traz de volta à vida. Assim, ele

é honrado como Deus pelos reis e pelos sábios, quando estes estão doentes. Todo o mundo acha que um médico precisa ter habilidade, conhecimento e experiência. Não há dúvida de que ele deve pronunciar seu diagnóstico com grande cuidado e seriedade. Mas, como diz Hipócrates aos habitantes de Abdera, quando o diagnóstico é pronunciado, a demora prejudica esta arte mais do que qualquer outra. No entanto, Galeno declara a Glauco que não é seguro e até é bastante perigoso intervir muito depressa e antes da hora no processo natural, e acrescenta que muitos médicos que agem sem pensar praticam este erro, ou seja, vão minando diariamente o processo natural, criando um obstáculo ou procurando apressá-lo. Mas os que não se fiam somente em sua própria habilidade, cairão com menos facilidade neste erro. Hipócrates escreve a Demócrito que, por mais velho que ele já estivesse, ainda não havia chegado até o final na arte da medicina. Galeno também declara que ele somente foi compreender a natureza do batimento cardíaco com a idade de 90 anos. O médico deve, primeiro, lembrar-se de que a saúde vem de Deus e de que a natureza é seu instrumento para adquiri-la e mantê-la; e que o médico é o servidor da Natureza e de Deus, não para aumentar a força do Criador, mas para colocar o corpo em boas condições, eliminando os obstáculos que o separam do Criador. E, quando o médico estimula ou freia o corpo no momento errado, ele apressa estes dois atos e impede que a Natureza os conduza a um bom termo. Mas, escutemos, em ‘Timeu’, as palavras do divino Platão, bem no espírito dos pitagóricos: ‘Ora, de todos os movimentos, o melhor é aquele que um corpo produz por si mesmo em si mesmo, porque é ele que está mais próximo e aparentado ao movimento da inteligência e ao movimento do universo. O



Grande sala de reunião dos membros da academia de Florença.

movimento que vem de um outro agente é menos bom, mas o pior é aquele que, vindo de uma causa estranha, move o corpo parcialmente durante o tempo em que ele está deitado e em repouso. Também de todos os meios de purgar e confortar o corpo, o melhor consiste nos exercícios físicos; em seguida, vem o balanço que experimentamos em um barco ou em outro veículo que não cause cansaço ao corpo. Uma terceira espécie de movimento, que pode ser útil em certos casos de extrema necessidade, mas que um homem de bom senso não deve admitir em outros casos, é a purgação medicamentosa proveniente de drogas; pois, quando as doenças não apresentam grande perigo, não devemos deixar que os remédios as irritem. A natureza das doenças é semelhante, de um certo modo, à natureza dos seres vivos. A constituição dos seres vivos comporta, de fato, tempos de vida regulares para toda a espécie, e cada indivíduo nasce com um

tempo de vida fixado pelo destino, além dos acidentes inevitáveis, pois desde o nascimento de cada um, seus triângulos são constituídos de maneira a poder manter até um certo tempo, além do qual ninguém pode prolongar sua própria vida. O mesmo acontece com a constituição das doenças: se as perturbarmos com drogas sem levar em conta o tempo predestinado para elas, o que acontece, geralmente é que as doenças leves tornam-se doenças graves e que crescem em número. É por isso que é preciso dirigir todas as doenças com certo critério, com tranqüilidade, e não irritar com remédios um mal refratário'. Assim fala Platão.

Adeus e uma saudação cordial de minha parte ao hábil médico Antonio Benivieni. Girolamo Amazzi, meu caro confrade em medicina e tocador de cítara também o saúda. Mais uma vez, adeus". (Citação de Platão a partir das Edições Flammarion).

A imprensa foi inventada pelos chineses, mas Gutenberg encontrou um sistema para ordenar os caracteres móveis em metal. As linhas formadas eram dispostas sob a forma de páginas em um “veículo de madeira”, friccionado com tinta e impressas com o auxílio de uma espécie de prensa. Quando Gutenberg pediu a um construtor de Strasburgo que construísse a primeira prensa, ele exclamou: “Mas é uma prensa, que o senhor está me pedindo?” Gutenberg respondeu: “Sim, mas será uma prensa que nos dará o suco mais maravilhoso, que nunca foi derramado para estancar a sede dos seres humanos!”

A HABILIDADE DO MÉDICO TEM QUATRO PONTOS BÁSICOS

Segundo estas palavras de Ficino, parece que a medicina e a música eram muito ligadas neste tempo. Além disso, sabemos que suas idéias, tanto em matéria de filosofia como em ciências médicas, influenciaram Paracelso. Este médico, muito célebre em certos meios, nasceu em 1493 e foi promovido a doutor em medicina pela universidade de Ferrara, na Itália.

Contrariamente a Ficino, que passou sua vida em Florença e arredores, Paracelso percorreu toda a Europa e esteve nos campos de batalha para socorrer os feridos, imparcialmente. Aí ele recolheu um tesouro de experiências tanto médicas quanto filosóficas. Para ele, a habilidade médica repousa sobre quatro pontos básicos: a filosofia, a astronomia, a alquimia e a virtude.

A filosofia: o médico deve ver sem olhos e ouvir sem ouvidos. Ele deve reconhecer o

“homem” no homem, considerá-lo como um todo, de tal modo que encontra na terra ou no céu tudo o que faz parte de sua constituição.

A astronomia: quem conhece o que é inferior é um filósofo, mas quem está consciente do que é superior é um astrônomo, pois ele conhece não somente a natureza terrestre, mas também a Natureza divina. Ora, o conhecimento destas duas naturezas forma o médico.

A alquimia: quem quer encontrar a pedra dos sábios (a pedra filosofal) deve formá-la em seu interior.

A virtude: louvo os médicos alquimistas porque eles trabalham dia e noite em seus laboratórios e não deixam que o fogo se apague. Eles não falam muito e não fazem barulho porque eles sabem que é a obra que fará a glória do mestre e não o mestre quem fará a glória da obra.

Pessoas como Ficino e Paracelso foram verdadeiras colunas do Renascimento, que foi um período tão agitado. Podemos considerar que eles anunciaram novos processos espirituais e que o resultado disto foi o crescimento da consciência. As idéias revolucionárias sempre têm partidários e adversários. Uns desejam o novo, outros se agarram ao que já conhecem por se sentirem mais seguros. O verdadeiro pesquisador, que está em busca da verdade, sempre descobre se o “novo” pode ser o verdadeiro ponto de partida para uma autêntica evolução.

SEUS OLHOS FLAMEJAVAM

Algumas cartas de Ficino não são fáceis de ser compreendidas. Especialmente seus tratados sobre a medicina e a música, que exigem uma certa atenção contínua. Se-

gundo os contemporâneos, Ficino sabia tocar o coração. De passagem a Florença, o bispo Campano escreve:

“Enquanto se fazia acompanhar pela lira, ele cantava hinos de Orfeu e me enfeitiçou com suas árias maravilhosas. Era como se Apolo, com seus abundantes cabelos cacheados tivesse tomado a lira de Ficino, que assim tivesse caído vítima de seu próprio canto. Ele parecia louco: seus olhos flamejavam, e ele tocava como ninguém jamais poderia saber como”.

O próprio Ficino escreve sobre a música:

“Marsílio Ficino saúda Antonio Canigiani, homem sábio e prudente. Você me pergunta, Canigiani, por que junto o estudo da medicina ao da música e qual é a relação entre os remédios e a lira. Os astrônomos, Canigiani, diriam que se trata de um encontro entre Júpiter, Mercúrio e Vênus. Eles acham que a medicina provém de Júpiter; e a música, de Mercúrio e de Vênus. Os discípulos de Platão afirmam, entretanto, que um só deus é a fonte dos dois: Apolo. Segundo os antigos teólogos, este deus era o inventor da medicina e o mestre do canto que tem a lira como acompanhamento. Em seu livro de hinos, Orfeu adianta que Apolo dá a saúde e a vida a todos por meio de uma potente irradiação vital que expulsa as doenças. Além disso, ele diz que Apolo dá uma justa medida a tudo por meio das melodias que vêm do ato de tocar as cordas, ou seja, com sua força e sua vibração: com ‘hypate’, que é o som baixo, ele regula o inverno; com ‘neate’, que é o som alto, ele regula o verão; com o modo dórico, ou seja, com os sons médios, ele faz com que venham a primavera e o outono. Como o mesmo deus é senhor da música e inventor da medicina, não é de se espantar que estas duas artes geralmente sejam exercidas pela mesma pessoa. Além disso, acrescentemos que não somente o espírito e o corpo mas também

as partes separadas do espírito e do corpo funcionam em uníssono de acordo com relações naturais. O ciclo natural da temperatura e dos líquidos do corpo e até mesmo os batimentos do pulso parecem acontecer com a mesma harmonia. É preciso apreciar que Pitágoras, Empédocles e Sócrates também tocavam lira em idade avançada. Mas também é preciso pensar que Temístocles era pouco civilizado para ter recusado a lira que seu hóspede lhe oferecia. Em Alcebiades, Platão demonstra que os sábios, que são os servidores das musas, as quais presidem a música, dizem que a palavra música vem de musa. Mas Platão rejeita a música leve ou sentimental porque ela perturba o espírito ou o irrita, ou o perverte. Ele preconiza unicamente a música séria e harmoniosa como o único remédio salutar para a alma, o espírito e o corpo. E eu (para falar de seu amigo Marsílio) depois de estudar teologia e medicina, estou seguindo este conselho, e me en-

A “villa” de Cosme, em Carregi.



trego regularmente às sonoridades da lira e ao canto para que minha atenção não seja desviada para outros prazeres sensuais. Também faço isso regularmente para afastar a inquietude espiritual e as preocupações do corpo e para orientar meu espírito o mais possível para o que há de mais elevado, que é Deus; e faço isso sob a autoridade de Mercúrio e de Platão, que disseram que a música nos foi dada por Deus para dominar o corpo, equilibrar o espírito e louvar a Deus. Sei que Davi e Pitágoras prescreveram a música antes de tudo e creio que eles também a praticaram. Adeus”.

O MÚSICO “QUE TOCA SEU PRÓPRIO INSTRUMENTO”

É isso, portanto, o que escreve Marsílio Ficino sobre a estreita relação entre a medicina e a música. Ninguém teve idéias tão elevadas sobre a música como Ficino. Bach e Haendel subscreviam suas composições com as letras S.D.G.: Soli Deo Gloria (sob as graças de Deus). O grande místico sufi Hazrat Inayat Kahn fazia a relação entre a música e o aspecto divino do homem. Quando ele parou de fazer música, explicou sua decisão assim:

“Toquei vira até o momento em que meu coração mudou com este instrumento. Depois disso, ofereci este instrumento ao Músico divino, o único músico verdadeiro. Desde então, me tornei seu instrumento e quando ele quer, toco sua música. Os homens me honraram por causa desta música, que não vinha de mim, mas do Músico que tocava seu próprio instrumento.”

Ficino também escreveu diversas cartas sobre a filosofia. Uma delas tem como título “Louvação da verdade”.

“Marsílio Ficino saúda Angelo Polizia-

no, o poeta homérico. Você diz que há certas cartas que circulam com o meu nome no estilo de Aristipo e em parte no estilo de Lucrecio, mais do que no de Platão. Se elas fossem minhas, Angelo, elas não seriam assim, e se elas são como você diz, elas certamente não são minhas, mas de alguns que querem me prejudicar, pois sou, desde a juventude, um discípulo de Platão, como todos sabem. Pode-se reconhecer minhas cartas por este sinal que as distingue: nelas sempre existem certos pensamentos éticos, científicos ou teológicos para despertar os poderes inatos do espírito. Se às vezes elas evocam o amor, este é sempre platônico e honesto e não imoral, à moda de Aristipo. A louvação justa é aquela que aguilhoa ou estimula sem favorecer a ninguém. Em minhas cartas, quase não há palavras supérfluas, pois decidi, desde o início de meus estudos, escrever da maneira mais concisa possível, pois falar de coisas supérfluas em um texto tão curto é próprio mais de quem ama as palavras do que quem ama a sabedoria. E como são raros aqueles que sabem muito, os que falam muito geralmente dizem mentiras ou coisas supérfluas, ou as duas coisas. Isso é indigno do homem e mais ainda de um filósofo. Saudações”.

VENERAR A VERDADE COMO A ÚNICA IRRADIAÇÃO DE DEUS

Assim Ficino indica de forma segura quais são as cartas escritas por ele e quais não são, o que dá idéia de reuni-las para serem impressas. Ele explica em uma delas o que ele entende por “verdade divina”:

“A verdade divina é irradiação, beleza, amor. O principal desejo do divino Platão foi o de demonstrar que existe uma origem das coisas como ele expõe em Parmênides e

Epimônis. *Ele deu a esta origem o nome mais apropriado de: o único Ser. Ele diz também que a única verdade que engloba tudo é o Ser, ou seja, a luz do único que é Deus; que penetra o espírito e a forma de todas as coisas; que mostra as formas ao espírito e re-liga as formas ao espírito. Quem quer proclamar a doutrina de Platão deve, portanto, venerar a única Verdade (ou seja, a Verdade única) como a única irradiação divina. Esta irradiação penetra o mundo dos anjos, das almas, do céu e outros mundos. E como já explicamos no Livro a respeito do amor, o brilho da verdade irradia em cada pessoa de acordo com sua própria natureza e é chamado de graça e beleza. Quando este brilho é mais nitidamente visível, atrai aquele que volta seu olhar para ele, estimula quem reflete sobre ele e transporta quem dele se aproxima. E este é obrigado a venerar mais que tudo este brilho como uma força divina, e não deve fazer mais nada a não ser esforçar-se para irradiá-lo para o exterior, depois de ter deixado sua antiga natureza. A situação é a mesma de um amante que, não contente de ver ou de tocar sua bem-amada, fica exclamando sem parar: 'Quem é este ser que faz de mim uma chama e um fogo? Não compreendo o que desejo!' Então, parece que a alma é inflamada pelo fogo divino que reflete, como em um espelho, um ser de bela aparência; e que a alma, por este brilho, é atraída para o alto, sem perceber, de tal modo que a alma vai-se tornando Deus. Assim, qualquer pessoa que é atraída por Deus por meio do poder da vista, mas teima em continuar na lama por sua atração ao sensível, torna-se infeliz e estúpida. Apesar de poder tornar-se Deus contemplando a beleza divina na beleza humana, esta pessoa faz de si mesma um animal, preferindo a forma física e falaciosa à beleza espiritual e verdadeira".*

O CAMINHO DA PERFEIÇÃO

Na carta sobre a tenacidade diante do destino, Ficino dá conselhos sobre o comportamento que deve ser adotado por quem quer percorrer o caminho da perfeição.

"Sobre a tenacidade diante do destino, Marsílio Ficino saúda Giovanni Cavalcanti, seu amigo muito querido. Platão nos diz, no Teeteto que trata de ciência, que Sócrates protegeu poderosamente seu amigo Teodoro, o matemático, contra os golpes do destino com armas de ouro e não de ferro como faz a maioria. Eis o que ele diz: 'É impossível, Teodoro, extrair o mal da raiz pois é necessário que sempre haja alguma coisa que se coloque diante do bem. O mal não pode vir dos deuses, mas ele envolve necessariamente a natureza mortal, as regiões inferiores. Esforça-te para fugir o mais depressa possível para a senda superior. Falando de fuga, entendo que é preciso que nos tornemos semelhantes a Deus o mais rápido possível. Por meio da compreensão profunda, o desinteresse e a equidade, o homem torna-se semelhante a Deus". Vou explicar rapidamente como compreender este conselho de nosso divino Platão. Assim como Deus é o criador e o condutor de nossas almas, o universo é o gerador e o condutor de nossos corpos. Como a alma é filha de Deus e os corpos são os membros do universo, nossa alma é dirigida por Deus como por um pai, de modo clemente e maravilhoso, de acordo com as leis da providência. Mas é o mundo físico que arrasta nosso corpo com as forças do destino na violência e na paixão, assim como a parte sempre é arrastada para o todo ao qual ela pertence. Mas as forças do destino não podem penetrar em nosso espírito, a menos que ele se abandone ao corpo submetido ao destino. Que ninguém se fie inteiramente a suas próprias forças e a sua

própria compreensão para evitar as doenças corporais ou os acontecimentos futuros. Não deixem a alma perder-se no corpo, mas que ela se retire no espírito a fim de que o destino descarregue suas forças no corpo e não na alma.

O sábio e prudente não lutará contra o destino, pois isso não tem sentido; ele resistirá, esforçando-se para evitar isso. Não se pode afastar o infortúnio, mas pode-se muito bem fugir dele. É por isso que Platão pressiona nosso coração para fugir daqui, isto é, para renunciar ao amor pelo corpo e pelas coisas exteriores, para acabar encontrando um recurso enquanto cuidamos de nossa alma. Não há outra maneira de nos desviarmos da infelicidade; e ele acrescenta: ‘o mais rápido possível’. Por essa razão penso que, desde a juventude, é preciso começar a fazer a separação entre a alma e o corpo, a fim de evitar que a alma não pereça por seu intercâmbio com o corpo. Esteja certo de que, por meio de uma fuga como essa, a alma torna-se igual a Deus porque, liberta de seus laços com o corpo, ela surge semelhante a Deus.

Adquirimos essa liberdade especialmente a partir de três virtudes: a compreensão profunda, a equidade e o desinteresse. A compreensão nos faz distinguir o que devemos a Deus e o que devemos ao mundo; a equidade faz com que passemos a dar ao mundo o que lhe pertence; e o desinteresse, o que pertence a Deus. É por isso que o sábio se distancia de seu corpo como de uma pequena parte do mundo e o confia ao ciclo das coisas, para onde ele deve ser conduzido. Ele mantém sua alma, que é filha de Deus, afastada do intercâmbio com o corpo e a confia à providência divina, para que ela a dirija de acordo com a sua vontade. Se seguirmos esta regra áurea que Platão nos oferece, meu querido Giovanni, animados por um fogo celeste, contornaremos sãos e salvos o enorme re-

demoinho do destino e logo chegaremos ao porto, sem avarias”.

CONSELHOS E CONCEITOS ATEMPORAIS

É claro que Marsílio Ficino desempenhou um papel muito importante no plano da cultura européia, e que isso acontece ainda hoje. Suas cartas contêm conceitos e conselhos atemporais que serão sempre atuais. Ele escreve a Antonio Seraphico sobre o nobre comportamento que resulta de uma aspiração séria e bem sustentada. A carta é intitulada: “*A respeito do homem sábio e feliz*”

Marsílio Ficino saúda seu confrade filósofo Antonio Seraphico de San Miniato. Eu considero um homem sábio e feliz aquele que continua alegre e jovial diante da adversidade, porque ele somente tem confiança em Deus. O medo não o põe fora de si, a dor não o tortura, o prazer não o toca e o desejo sensual não o inflama. No meio de uma moita espinhosa das mais impenetráveis, ele colhe belas e frágeis flores, e na lama ele acha e daí retira pérolas. Ele continua a ver, mesmo nas trevas mais escuras e, mesmo acorrentado, ele rapidamente toma vôo, livre e sem entraves. E o Espírito celeste o acaba sempre inspirando. Portanto, siga o exemplo de Pitágoras, de Sócrates e de Platão, que se consagravam à filosofia mais pelos atos do que pela razão, mesmo quando foram perseguidos pela fatalidade. A filosofia, que muitos professam com a boca, eles a aplicavam de todo coração. Seraphico, quem não vivenciou por si mesmo, tem um conhecimento inútil. Adeus e persevere em seus bons hábitos”.

Na última carta que citamos neste artigo, vemos como Ficino seguia apaixonadamente as idéias de Platão. O título é

“Os que conhecem Deus estão despertos: o resto dorme”.

“Marsílio Ficino a Giovanni Cavalcanti, seu amigo particularmente querido, saudações. Algumas pessoas se espantam pelo fato de venerarmos tanto Platão, apesar das contradições e dos mitos confusos que encontramos o tempo todo em suas obras. Mas penso que estas pessoas logo vão parar de se espantar quando perceberem que somente as coisas divinas existem verdadeiramente, que elas jamais serão atingidas por alguma influência externa e que o estado das coisas divinas não muda jamais. A matéria física sempre está sendo submetida a forças contrárias e vai-se transformando continuamente. É por isso que a substância física tem menos valor do que todas as outras substâncias, apesar da aparência do contrário. Esta é a verdadeira razão pela qual a matéria física jamais será uma verdade, mas somente um reflexo dela. E, enquanto quase todos os filósofos se devotam exclusivamente ao estudo da matéria física e dormem, nosso Platão se aplicou em estudar o divino e foi, entre muitos, o mais desperto de todos os filósofos. É por isso que penso que mais vale seguir Platão, que conhece Deus, do que os outros filósofos, assim como vale mais confiar em um comandante de navio bem desperto do que em um que está dormindo”.



UMA PONTE É LANÇADA RUMO À GNOSIS HERMÉTICA

Por ocasião do aniversário de morte de Marsílio Ficino, há 500 anos, foi organizado um simpósio, em 24 de abril de 1999, em Renova, na Holanda. Os 259 participantes da Bélgica, Alemanha, Suíça e

Holanda assistiram a três exposições sobre o filósofo italiano que marcou com seu timbre o pensamento da Renascença:

- *O simpósio, alimento da alma.*
- *A descoberta do corpo intacto de Hermes*
- *A realização da renascença atual.*

No hall de entrada do Centro de Conferências de Renova estavam expostas as reproduções do afresco *A procissão dos Reis Magos*, de Benozzo Gozzoli. Podiam-se também ser admirados vários manuscritos de Ficino emprestados pela Bibliotheca Philosophica Hermetica de Amsterdã. O terceiro simpósio, desta vez sobre Jacob Boehme, acontecerá em 20 de maio de 2000.



Simpósio de Marsílio Ficino em Renova, Bilthoven, Holanda.

Ficino, em detalhe do Milagre do Santo Sacramento, por Cosimo Rosselli (1486).

A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO DIVINO: OBJETIVO DA ALMA HUMANA

Os seres humanos chegam ao século XXI em um mundo agitado e barulhento. Dividindo suas vidas entre inúmeros centros de interesse, eles são dirigidos pela publicidade e pela sociedade de consumo. O progresso e o bem estar parecem oferecer a eles tudo o que imaginam e querem possuir. Muitos têm o suficiente para viver confortavelmente, enquanto outros mergulham sem esperanças na pobreza e na miséria. Todos querem mais e cada vez mais! Mas por quê? O que ainda está faltando?

Todos os dias, um número crescente de pessoas está sendo constrangido pela falta de tempo. Elas já não têm nem um minuto de sossego, voltam das férias cansadas e estressadas, sentindo um grande descontentamento. Tempo, descanso e satisfação ficaram raros neste mundo apressado, preocupado com poder e dinheiro. Tempo e descanso (e ainda muito limitados) só existem para aqueles que sabem se conter: eles refletem sobre sua existência; eles prestam atenção aos obstáculos que os separam de outras dimensões e esperam escapar deste mundo que só pode oferecer uma felicidade muito curta.

O progresso e o bem estar ajudam, sem dúvida, como um paliativo provisório, contra o sentimento de vazio exterior. Mas são incapazes de eliminá-lo radicalmente. O ser humano sempre está sentindo este vazio, mas sem saber como resolver o problema. Ele sente: “Quem sabe vou conseguir ser feliz se conseguir descobrir o véu que oculta o mistério de

minha vida?” Mas, enquanto isso não acontece, ele continua a passar por suas experiências.

A compreensão de que ele não está claramente pronto para suportar este sentimento de vazio, certamente serve de ajuda em seu caminho. O autor austríaco Stefan Zweig (1881-1942) declara: “O sentido da vida é mais do que a própria vida”. Este “mais” refere-se a algum tipo de crescimento no plano externo? Será aquilo que ultrapassa as preocupações cotidianas com seu próprio bem estar? Será que isto tem a ver com uma evolução interna? Em suas exposições filosóficas, Zweig mostra que estava buscando um sentido superior para a vida. Mas, desespero e decepção foram destruindo suas ilusões e ele se suicidou, depois de constatar que a Europa estava se tornando um completo campo de batalha.

Somente a alma vivente alimentada pela Gnosis tem a possibilidade de fazer evoluir o homem espiritual, o que muitos desesperados da época de Zweig estavam buscando. De fato, a alma que se eleva acima da violência terrestre conhece o objetivo da vida e conduz o homem pela senda de sua verdadeira vocação.

RECONHECIMENTO DA HERANÇA ESPIRITUAL

O significado da vida torna-se, portanto, visível para aqueles que estão buscando em seu ser mais profundo. A alma espera ser encontrada debaixo de espessas camadas de ilusão que a recobrem. Descobrir sua alma que morre de sede é um processo criador radical, que exige muita coragem, pensamentos totalmente



diferentes, uma reflexão sobre a vida e sua origem, uma introspecção extremamente profunda, para daí extrair a luz que é capaz de expulsar as trevas da vida cotidiana.

**QUAL É A ORIGEM DE NOSSA
EXISTÊNCIA? DE ONDE VIEMOS? QUAL É
A FINALIDADE DE TERMOS SIDO CRIADOS?**

A vida na terra não passa de uma fase do desenvolvimento humano. A humanidade está viajando através do universo e atualmente está no ponto mais baixo de sua materialização. Ela está passando por uma guinada em seu processo de realização! Sim, pois se a alma sabe libertar-se da matéria, ela vai voltar a subir a curva da evolução. Ela vai encontrar-se no último barrote da escada que, atravessando todos os domínios da criação, conduz ao Espírito.

O homem vivia, antigamente, em um mundo superior em total harmonia com a lei do espírito. Mas ele desviou-se deliberadamente de Deus a fim de construir para si um mundo “melhor”, acreditando

que era imortal. As três dimensões da vida terrestre impuseram-lhe então algumas leis, que ele teve de respeitar para viver, quer isso lhe agradasse ou não!

A matéria foi pouco a pouco o enfeitando e ela o reterá aqui até o momento em que ele descobrir o objetivo superior da vida e aspirar a ele. Até aí ele será determinado por forças contrárias e pela instabilidade de todas as coisas. O que ele percebe, com seus olhos ou por meio de instrumentos de astronomia, pertence às dimensões do espaço e do tempo, e ele é submetido ao círculo do nascimento, do crescimento e da morte. Assim, sua existência está limitada no ilimitado do Infinito. Ora, esta humanidade foi a mesma que escolheu seus obstáculos ao se desviar do Espírito para seguir seu próprio caminho.

Como é uma célula da humanidade, o homem recebeu como herança de sua vida original uma centelha de fogo que traz todo o seu passado e seu futuro sob a forma de “genes”. Esta centelha de luz pode fazer com que ele se volte novamente para o Espírito, se quiser, mas para tanto é preciso que ele passe por muitas experiências, sobretudo é preciso que ele

O Unicórnio molha seu chifre na corrente para purificar a água (gravura de Jean Duvet, cerca de 1562, Metropolitan Museum of Art, New York).

renuncie a sua própria sabedoria e se volte para a Luz. Esta caminhada dá um sentido à vida: é o próprio significado da vida!

A LUTA PARA MANTER O EU

E o que impede o ser humano de seguir a senda do Espírito? A Gnosis! Pode acontecer que ele mal perceba os impulsos da Gnosis, ou que ele sinta seu estímulo, mas reage inconscientemente de modo errado. Pode acontecer, também, que ele esteja perfeitamente consciente deste apelo interior, mas que se recuse a reagir com conhecimento de causa.

Nos países onde reina uma prosperidade atraente, é difícil para o buscador manter firmemente o fio da orientação interior. Tantos interesses o mantêm prisioneiro que mal ouve o chamado da Gnosis, isto sem falar em compreendê-la ou segui-la. Sua busca de realização se horizontaliza completamente: é uma caça cega em busca da felicidade ou uma corrida para uma vida melhor; e a alma que se lembra de sua origem deixa-se levar, dessa forma, por uma conquista que não passa de uma caricatura.

O ser humano está mais ou menos consciente de seu próprio mundo material, pois ele pensa e faz seus projetos (projetos que ele vai ajeitando ao redor de seus interesses pessoais e aos quais ele devota toda a sua energia). A realização de seus ideais no mundo exterior dá a sua vida uma finalidade e a própria autoconsciência. Quem não está tentando se afirmar neste mundo? Pode-se evitar a luta e a agitação, que são as conseqüências naturais da necessidade de se manter na vida? Assim nós nos esgotamos, em uma luta

sem fim contra o mundo, e a alma fica abandonada e empobrecida. Com seus milhões de semelhantes, o ser humano vai construindo a fortaleza de seu EU, e luta para que seu EU seja melhor que o dos outros!

Ele mesmo está se acorrentando às leis terrestres. A inércia e o hábito determinam seus pensamentos, sentimentos, vontades e ações. Suas aspirações de poder, sua avidez, suas saídas dos trilhos refletem as limitações de sua consciência obscurecida. Ele mesmo criou os valores que foram substituindo o verdadeiro desejo de sua alma. E então seria de se estranhar que ele já não possa ouvir a voz desta alma?

QUEM ASPIRA AO ESPÍRITO CUMPRE A LEI DO ESPÍRITO

“O mundo e suas atividades”, diz Jacob Boehme, “lançam um véu sobre o mundo espiritual, da mesma forma que a alma é recoberta pelo corpo”.

A finalidade da vida é levantar e retirar este véu: é ver o mundo tal qual ele é, como uma região de passagem para o homem que está a caminho rumo ao Espírito. Deste ponto de vista, o mundo não passa de uma aparência, uma sombra do campo de vida original. Ele é como um véu que recobre a realidade e impede o homem de perceber a eternidade.

Quanto à alma, esta conhece a Eternidade, pois a Eternidade é a sua natureza. Seus poderes somente podem ser demonstrados quando o eu compreende que não irá jamais entrar na Eternidade, porque ele não está capacitado para tanto e porque ele é um produto da natureza que perdeu o rumo e se des-

viou. É por isso que o espírito, a Gnosis, dirige-se à alma, a fim de que ela desperte e saia da matéria, a fim de que ela se desfaça dos véus que a envolvem e receba a Luz para viver da Luz.

Enquanto não se abrir, não se tornar receptivo à Luz, o ser humano pode realmente esforçar-se para tornar sua vida mais agradável, mas não vai conseguir entrar no novo campo de vida. Para ele é impossível alcançar o Espírito por meio de suas próprias forças. A Gnosis unicamente o tocará se ele já não basear sua vida em seu próprio orgulho, sabedoria pessoal e suas capacidades terrestres, que são fruto das percepções enganosas de seus sentidos; se ele compreender que a vida tem um objetivo superior que é o único valor verdadeiro que deve ser atingido; se ele captar o que torna a vida verdadeiramente digna de ser vivida; se ele quiser aspirar ao Espírito.

OS PODERES DA ALMA E A FORÇA QUE TUDO MUDA

Podemos considerar o ser humano como um reflexo de toda a criação: um pequeno mundo, um microcosmo. Ele traz em si o céu, o inferno, a vida eterna e a vida terrestre, a liberdade e o aprisionamento. Ele possui em si toda a criação em tamanho pequeno e busca a possibilidade de expressão.

O desejo e a aspiração atraem forças correspondentes. Se alguém estiver voltado para a vida material, fará parte desta vida. Se estiver voltado para a Gnosis, para o Espírito, ele fará parte do Espírito. A força do Espírito, sua sabedoria e seu amor lhe serão conferidos e nele irão agir



crescentemente, à medida em que ele for se abrindo ao Espírito.

É assim que a alma vai poder se libertar pouco a pouco da matéria. Seus poderes irão se desenvolvendo à medida em que ela for escapando das exigências do corpo, para conseguir tornar-se um perfeito instrumento do Espírito. A alma é um cálice que pode não somente receber as forças da Gnosis, mas também transmitir a corrente gnóstica regeneradora no imo dos seres humanos. Assim, ela tem a capacidade de transformá-los radicalmente e de fazer com que eles se engajem no processo da transfiguração.

A VITÓRIA SOBRE O EU E A RENÚNCIA

Quem se entrega à força regeneradora e transformadora da Gnosis segue uma senda sobre a qual as influências do eu não param de diminuir. “Ele deve crescer e eu devo diminuir”. Quem, no início estava somente voltado para si mesmo, volta a sua face para outra direção. Seus esforços egocêntricos vão diminuindo, seu interesse pelo poder e pelas posses terrestres vão desaparecendo, e sua vida vai-se dirigindo

para um objetivo preciso e imenso, para onde ele já não será vítima de nenhuma doença, sofrimento e morte. O orgulho, a ambição e a cobiça separam o ser humano de Deus. Quando estas tendências vão desaparecendo, elas vão sendo substituídas pela humildade e por um sentimento de profunda ligação com os outros seres humanos. A impaciência, a resistência e a cólera endurecem a alma e causam doenças. O ser que se liberta de tudo isso vê surgir a paciência, a aceitação e a alegria. Se ele renunciar à avidez, à agitação e à inveja que o aprisionam em atividades febris, ele faz nascer a calma, a paz, a harmonia e a moderação. Então, ele já não vai correr atrás de uma felicidade superficial, de pequenos sucessos momentâneos ou da estima dos outros. Ele volta a si, ele “cai em si”.

Quando seus atos já não forem determinados pelo egocentrismo, ele aprenderá a agir segundo os princípios da Gnosis: ele irá buscar a verdade e tentará viver junto dela. Ele aprenderá a aceitar também as limitações do mundo que já não esconde dele o verdadeiro objetivo de sua vida: ele aprenderá a julgar o mundo em função de sua tarefa. Ele também verá que a terra e os limites da vida terrestre são sempre oportunidades de sofrimento características da imperfeição humana.

A FORÇA CRÍSTICA MANIFESTA O SER HUMANO VERDADEIRO

Posse e poder, de fato, nada representam. O homem somente tem valor real na criação se encontrar e seguir o caminho da libertação interior; e ele dá valor a seus semelhantes quando reflete sobre a finali-

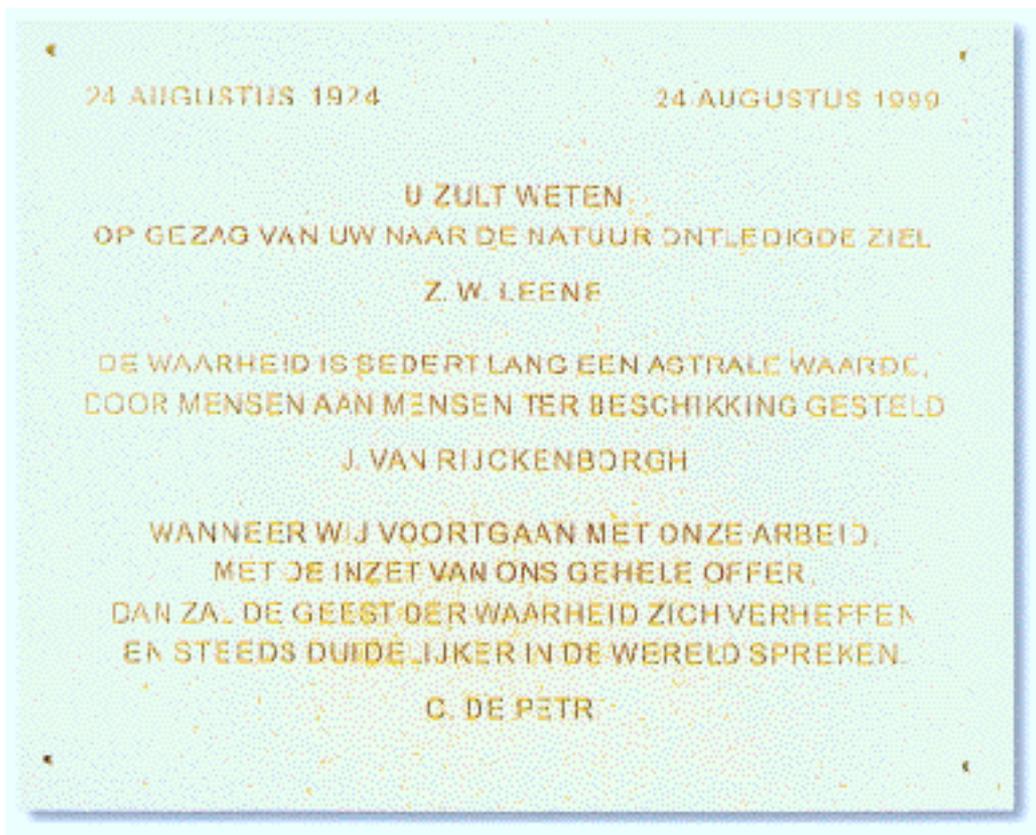
dade da existência, quando descobre esta finalidade e dela tira suas conseqüências. A reflexão e o autoconhecimento são, portanto, tão essenciais quanto a descoberta de que existe dentro dele um outro princípio, diferente do eu que ele colocava em um pedestal: um ser que não está ligado ao homem da natureza e a seus interesses.

Quem, deste modo, “cai em si”, dá lugar ao homem interior, verdadeiro, que deve nascer dentro dele. Este homem tem o nome de homem-Jesus. Ele vai seguindo sua senda de crescimento interior: a senda na qual o Cristo poderá se manifestar.

Quem está consciente desta herança espiritual, deste princípio de luz que permite a ressurreição do homem-Espírito, pode seguir esta senda. Todos os que seguem esta senda reconhecem a verdadeira finalidade da existência e sua vida, finalmente, ganha um profundo significado.

Cavaleiro sobre um unicórnio (Konrada van Vechta, Bíblia de Anvers, Museu Plantino Moretus, em Anvers, na Bélgica).

OS 75 ANOS DE ATIVIDADE DA ROSACRUZ ÁUREA



Desde 24 de agosto de 1924, as reações positivas ao chamado da Fraternidade da Rosacruz Áurea não param de crescer. Para celebrar este desenvolvimento mundial, centenas de alunos belgas e holandeses reuniram-se em Haarlem para um serviço templário especial e para a colocação da pedra comemorativa sobre a qual estão gravadas as seguintes palavras:

“PARA QUE O HOMEM COMPREENDA, ENFIM, SUA NOBREZA E SUA MAJESTADE E A RAZÃO PELA QUAL ELE É CHAMADO DE MICROCOSMO”.

Entre 10 de dezembro e 19 de fevereiro de 1999 aconteceu a exposição “O Cha-

Vós sabereis, com base na autoridade de vossas almas esvaziadas segundo a natureza.

Z. W. Leene

Há muito tempo a verdade é um valor astral oferecido aos homens pelos homens.

Jan van Rijckenborgh

Se perseverarmos em nosso trabalho em total auto-entrega, o espírito da verdade se elevará e falará cada vez mais claramente no mundo.

Catharose de Petri

mado da Rosa-Cruz, quatro séculos de uma tradição sempre viva”, na Biblioteca Real de Haia, na Holanda. Esta exposição atraiu mais de 2500 visitantes e foi organizada pela Biblioteca Real, pela Bibliotheca Philosophica Hermetica de Amsterdã e pelo Lectorium Rosicrucianum de Haarlem. Ela apresentou um vasto panorama das inúmeras reações e respostas aos Manifestos Rosa-cruzes que surgiram no século XVII.

O CAMPO DE TRABALHO DA ALEMANHA OCIDENTAL

Este é o 15º centro do sul da Alemanha, que foi inaugurado no dia 23 de outubro de 1999 em Coblentz. Com o Centro de Conferências de Birnbach, os Centros de Coblentz, Bonn, Düsseldorf, Essen, Frankfurt, Giessen, Colônia e Wiesbaden formam o campo de trabalho da Ale-



À esquerda, Biblioteca Real de Haia, na Holanda.

Embaixo: concerto na Orangerie de Darmstadt.

CONCERTO NA ORANGERIE DE DARMSTADT, ALEMANHA

Sete alunos do Sul da Alemanha deram um magnífico concerto no dia 16 de junho de 1999 na belíssima sala da Orangerie de Darmstadt. O programa somente compreendia composições e poemas dos alunos do Lectorium Rosicrucianum.

*Tens o conhecimento
Em forma de intuição,
E, se fizeres silêncio,
Poderás aproximar-te dele.
Calar-se não quer dizer
Entrar no silêncio
Reflete a respeito disso
Ficando silencioso.*



manha Ocidental. Em Coblenz há um templo, uma sala de contato para cerca de 60 pessoas e uma sala de silêncio. Na véspera da inauguração foi realizada uma tarde de “portas abertas” ao público, incluindo uma exposição que atraiu um grande número de visitantes.

COLOCAÇÃO DA PEDRA FUNDAMENTAL NO TERCEIRO CENTRO DE CONFERÊNCIAS DA ALEMANHA, EM BIRNBACH

Este evento aconteceu no dia 29 de maio de 1999, na presença de inúmeras pessoas vindas da Alemanha e do exterior. Falar de pedra fundamental, no caso falar de uma pedra que foi colocada em uma das paredes do grande templo não é completamente correto, pois uma grande parte das construções já estava terminada. Birnbach está situada no coração da Europa, lá onde a Fraternidade dos Rosa-Cruzes começou seu trabalho para o mundo e a humanidade no século XVII. É aí que se desenvolveu uma importante parte da história do desenvolvimento espiritual da Europa e de inúmeras culturas européias que nela se inspiraram. “Nós estamos continuando esta história”, declarou o Sr. Schneemann, membro da Direção Espiritual Internacional, “colocando a primeira pedra de um conjunto de construções que serão consagradas ao trabalho gnósti-



co no final do ano. Este conjunto compreende um grande templo, dormitórios, salas de silêncio, uma cozinha e um refeitório para cerca de 600 pessoas, um hall de entrada, escritórios administrativos e alojamentos para o staff permanente. Assim, pela primeira vez na história da Jovem Gnosis, está sendo construído um centro completo. Antes, um projeto como este devia ser realizado por etapas, por causa do custo. Começava-se pelos dormitórios,

Ao alto:
colocação da
pedra come-
morativa, em
29 de maio de
1999 em
Birnbach.

Embaixo:
o novo Centro
de Conferên-
cias quase
terminado em
dezembro de
1999.

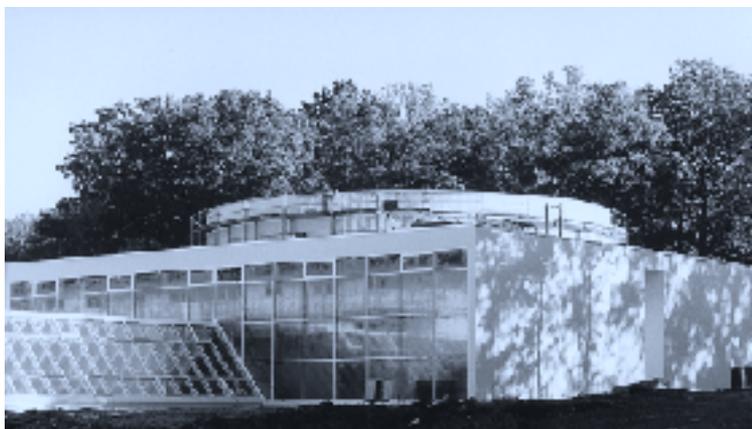


depois vinham o refeitório e a cozinha; a construção do templo era feita depois. Pudemos realizar este projeto de uma vez só graças aos alunos de toda a Alemanha. Este grupo bem determinado desejava verdadeiramente a realização deste terceiro centro de conferências e assim o foi construindo durante dez anos seguidos, com uma base financeira que ultrapassou todas as expectativas. Ninguém de fora pode imaginar como foi. Caros amigos, vocês tornaram possível o impossível, e hoje nosso projeto tomou forma: isto é uma coisa certa! O amor de vocês e o seu devotamento para com a Escola Espiritual agora estão bem visíveis. O texto gravado sobre a pedra comemorativa é o seguinte:

“A glória de Deus e o plano divino para o mundo e a humanidade são inatacáveis. Nem as alturas, nem as profundezas, nem a distância poderá nos separar d’Ele, que nos dá a vitória e depositou em nós a força da vitória como uma semente, como um poder criador latente.”

O Sr. H. Albert, membro da Direção Espiritual Internacional, acrescentou: “Vocês acabam de ouvir as palavras que estão gravadas na pedra comemorativa. Vocês irão compreender que esta promessa não se dirige unicamente aos alunos da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, mas também a todos os homens e ao nosso próximo. Entretanto, a maioria dos homens não está completamente consciente, apesar de possuir as mesmas possibilidades libertadoras que nós. Sim, há no mundo um grupo relativamente pequeno que conhece o objetivo da humanidade, ou seja, a realização do ser interior pela elevação em uma vida superior. Com relação à humanidade inteira, nós formamos apenas um grupo muito pequeno entre aqueles que tendem mais ou menos conscientemente para esta realização. Todos esses grupos se encontram em níveis de desenvolvimento diversos, mas eles têm algo em comum: eles estão se esforçando para descobrir e abrir a senda da vida superior”.

O Centro de Conferências de Birnbach será inaugurado oficialmente em março do ano 2000 sob o nome de Christia-nopolis.



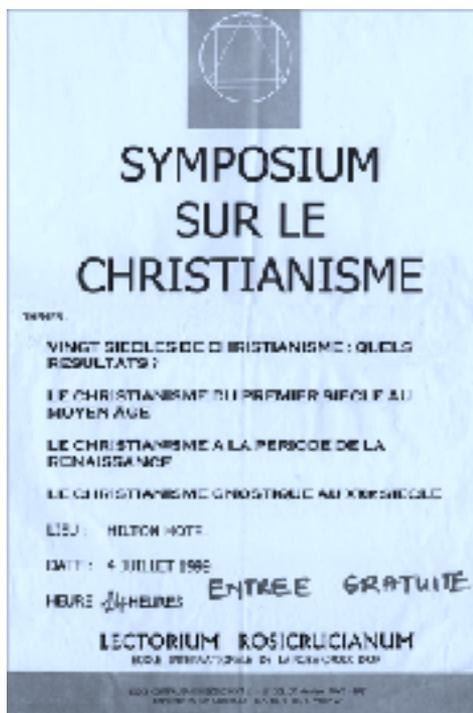
DOIS NOVOS CENTROS NA ÁUSTRIA

Há 20 anos o Centro de Salzburg servia como Centro de Conferências de renovação. Desde que estas conferências passaram a acontecer em Schloss Neustein, Salzburg tornou-se um Centro regional. Mas como o lugar foi ficando muito pequeno, foi providenciado um outro centro, muito bonito, em um bairro tranquilo. Além disso, desde agosto de 1999 Graz dispõe de um espaço em que os alunos e os pesquisadores podem se reunir. Os locais se encontram no primeiro andar de um imóvel, em um conjunto de fácil acesso construído em um antigo terreno industrial.

Simpósio em
Yaoundé,
República de
Camarões.

SIMPÓSIO SOBRE O CRISTIANISMO, NA REPÚBLICA DOS CAMARÕES

Sobre a entrada, uma bandeirola trazia a seguinte inscrição: “*Simpósio sobre o cristianismo, organizado pelo Lectorium Rosicrucianum, Camarões*” Este foi um dos inúmeros anúncios para esta reunião muito especial de 4 de julho de 1999, no hotel Hilton de Yaoundé, capital da República dos Camarões. Um auditor interrogado pela imprensa, não escondia sua admiração: “*Parabéns para esta comunidade espiritual que é a primeira a tomar a iniciativa de falar sobre este tema em nosso país! O que se passou aqui hoje é muito bom. Eu felicito os organizadores*”. Um outro observou no mesmo jornal: “*Não tenho nada a dizer sobre a organização: tudo se passou muito bem! O estande de livros estava magnífico. Tive a chance de vir um pouco mais cedo para olhar a exposição. Realmente, todo mundo está muito bem informado. As pessoas que mostravam os livros conheciam o assunto sobre o qual eles falavam. A organização me parece ser perfeita!*”



Houve 4 exposições:

- *Vinte séculos de cristianismo: quais são os resultados?*
- *O cristianismo até a Idade Média.*
- *O cristianismo a partir do Renascimento.*
- *O cristianismo gnóstico no século XX.*

O programa começou às 14 horas com uma introdução do Sr. Simon Emini Efa, organizador do simpósio, que declarou ao repórter da revista mensal *Educação 2000*: “*O simpósio tem como objetivo definir o cristianismo e em seguida avaliá-lo, pois não é possível avaliar algo que não conhecemos. Além disso, o simpósio quer tentar salvar o que ainda vale a pena na humanidade. Os senhores sabem que as religiões naturais praticam um cristianismo completamente exterior, que não pode libertar a alma. Somente o cristianismo interior é capaz de fazer isso. No século XX, o Lectorium Rosicrucianum tem a missão de colocar em prática esta segunda forma de cristianismo e de ensiná-la*”.

Cada tema foi seguido de um trecho de música de Bach, Haendel ou Mozart, e depois os convidados puderam fazer perguntas sobre o assunto tratado. Às 16h45,





Ao alto:
entrada do Centro de Libreville,
no Gabão.

No meio:
Centro de la Paz, na Bolívia.

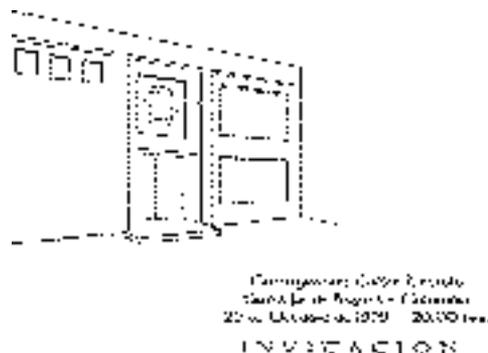
Embaixo:
o novo Centro de Bogotá, na
Colômbia.



dificuldade, uma soma de 11.600.000 francos CFA. Uma vez mais agradecemos os amigos que nos ajudaram a desenvolver o trabalho espiritual, apesar de todos os obstáculos.

AMPLIAÇÃO E REFORMA EM LA PAZ

Em La Paz, a 3.800 m de altitude, foi celebrada a inauguração de um novo Centro num sábado, dia 6 de novembro. O templo é muito bonito e pode receber mais de 100 pessoas. Sucre é a capital federal da Bolívia, enquanto La Paz é a capital administrativa.



PORTO DE PAZ EM BOGOTÁ, COLÔMBIA

No dia 29 de outubro de 1999 foi inaugurado o magnífico centro de Bogotá, capital da Colômbia. Com este novo Centro, a Colômbia dispõe de três centros onde acontecem Conferências de renovação regularmente: Bogotá, Cali e Medellín. Bogotá é uma cidade de atividade febril de 9 milhões de habitantes. Apesar de tudo, o Centro está situado em um bairro tranquilo de fácil acesso. O



O novo templo de Jarinu, no Brasil.

Convite para a inauguração do Centro de Belém, no Brasil.

templo pode receber mais de 120 pessoas e compreende salas para diferentes atividades. O financiamento foi assegurado com a ajuda da Fundação de Zurique.

CENTRO DE CONFERÊNCIAS PEDRA ANGULAR, EM JARINU, BRASIL

A construção deste Centro começou em meados do ano de 1997. Em uma superfície de cerca de 1000 m² deveriam ser construídos um grande templo, três templos menores, uma sala de reunião e muitos outros locais. Dois outros edifícios deveriam abrigar salas de tradução e dois apartamentos para a equipe. De acordo com o projeto, o terreno deveria estar pronto para a construção entre dezembro de 1997 e junho de 1998. Em julho, iriam acontecer os transportes de materiais e em agosto os trabalhos preparativos para o aterro; em dezembro começaria a construção do templo, que só terminou em fevereiro de 2000. Inúmeros visitantes foram à inauguração. Foi um acontecimento muito importante, do qual falaremos mais tarde.



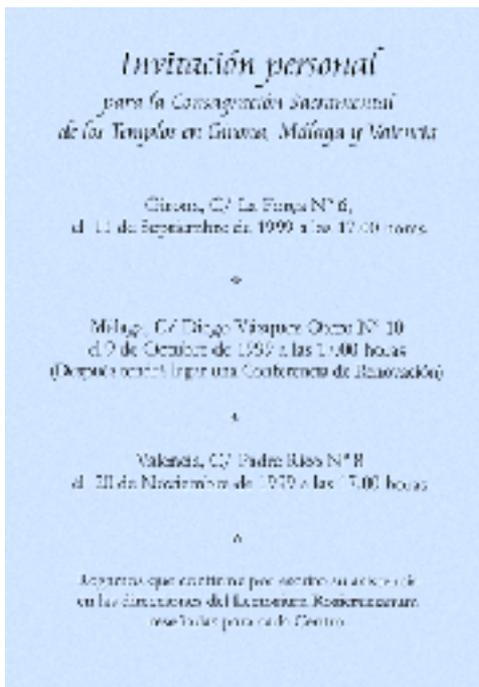
DOIS NOVOS CENTROS NO BRASIL

No dia 17 de setembro houve a inauguração de um novo centro na rua Laranjeiras, 10, em Belém do Pará, Brasil. Três meses depois, instalou-se o centro de Campinas.



DÉCIMO-TERCEIRO TEMPLO NA ESPANHA

Este décimo terceiro templo da Espanha foi inaugurado em 20 de novembro de 1999 em uma rua calma do centro da dinâmica cidade de Valença. Nos anos 80s, Valença já dispunha de um centro, mas, como este ficou muito pequeno, os alunos se instalaram em uma antiga fábrica de violões, um edifício de 4000 m² de superfície. É amplo para um templo de 140 lugares, uma biblioteca e locais para o trabalho da Mocidade. Há também um pátio interno com um jardim de aproximadamente 200 m².



GERONA, NÚCLEO DA CABALA ESOTÉRICA

Gerona se encontra ao norte de Barcelona, perto da fronteira franco-espanhola. Esta situação geográfica fez desta célebre cidade histórica mais um núcleo de novos desenvolvimentos. É assim que aí se desenvolveu uma viva cultura judaica, onde a Cabala desempenhou um papel importante. Na tranqüila rua La Forca da cidade antiga foi instalado um pequeno núcleo com um templo e uma biblioteca para alunos e interessados.

Ao alto:
grande sala da
antiga fábrica
de violões em
Valência, na
Espanha.
À direita: sala
de recepção
do Centro de
Gerona.
Ao lado:
rua pitoresca
em que se
encontra o
Centro de
Gerona.



REFORMA DO CENTRO DE MÁLAGA, NA ESPANHA

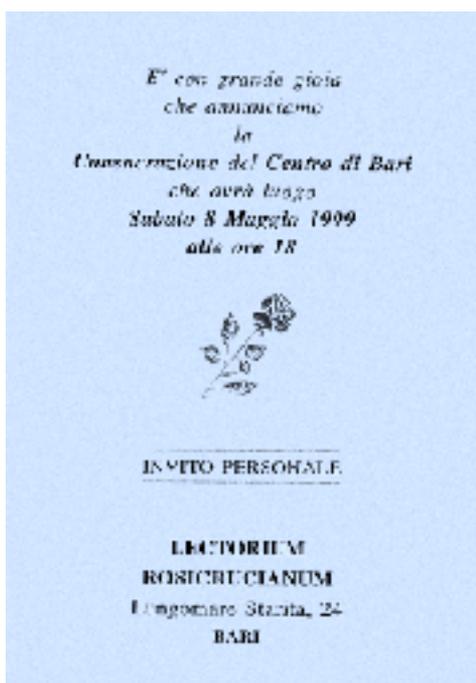
No coração da segunda cidade da Andaluzia, perto da estação e ao lado de um parque tranqüilo, Diego Vasquez Otero, 40 alunos de Málaga alugaram um escritório para as atividades do núcleo. Como Málaga está a 900 km aproximadamente de Saragoza, aí se realizarão quatro conferências de renovação no ano 2000, facilitando a presença dos alunos. Aí também se encontra uma biblioteca que é regularmente freqüentada pelos alunos e pesquisadores. Estes locais foram inaugurados no dia 9 de outubro de 1999.

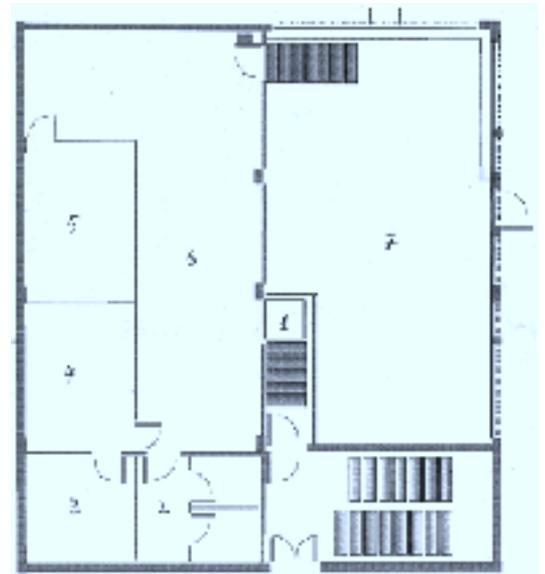
“CONSACRAZIONE DEL CENTRO DI BARI, SABATO 8 MAGGIO 1999, ORE 18H”

Este é o texto do convite oficial para a inauguração do centro de Bari, na Itália, e para a consagração do templo de 45 lugares. Este novo local se encontra no centro da cidade, em um belo apartamento, não muito longe do mar. Bari é uma cidade portuária na beira do mar Adriático, no sul da Itália, e a cerca de 600 km de Dovadola.



Ao alto:
a biblioteca para
pesquisadores,
no Centro de
Málaga.
Embaixo:
o Centro de
Bari, na rua
Lungomari
Starita, 24.





Intenso trabalho em Montreal, para terminar o novo Centro.

UM NOVO CENTRO NO NORTE DA ITÁLIA

Quatro meses depois da abertura do centro de Bari aconteceu a inauguração solene do centro de Veneza, na Piazza Marzabotto em Dolo, uma cidadezinha que fica no meio do caminho entre Veneza e Pádua, em uma região muito ativa e dinâmica de cerca de 500.000 habitantes. O templo pode acolher 68 pessoas.

MUDANÇA DO CENTRO PARA MONTREAL

As conferências de renovação no Canadá aconteciam em Mont-Saint-Hilaire, Quebec. Agora, elas acontecem em Sutton, e as atividades do centro estão mais próximas de Montreal. Aí está sendo preparado um grande templo que será inaugurado em agosto do ano 2000. Há também uma ampla sala e, no andar térreo, alguns quartos, para os participantes das conferências.



PRIMEIRO CENTRO DE CONFERÊNCIAS DE RENOVAÇÃO NA NOVA ZELÂNDIA

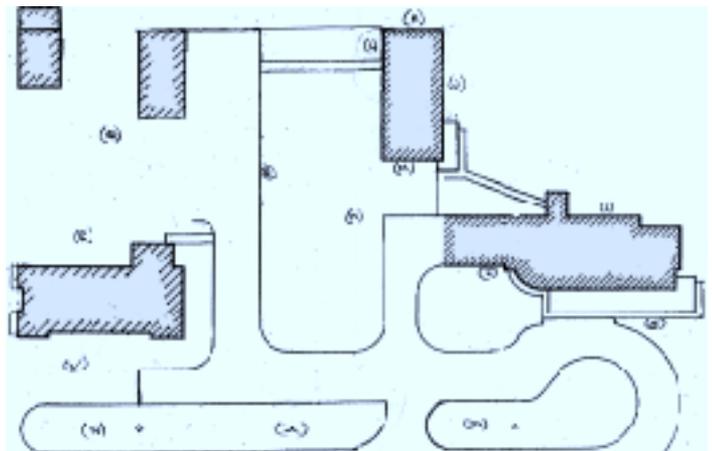
Quando o conjunto dos edifícios ficou pronto, em Karapiro, no centro da Ilha do Norte da Nova Zelândia, os habitantes da cidadezinha foram convidados para vir ver no que se transformaram “seus” edifícios. Este conjunto de quase 8 hectares perto de Karapiro tinha sido criado pelos construtores da barragem. Quando este último foi terminado, os edifícios vazios foram vendidos para o Lectorium Rosicrucianum, mas os habitantes da cidadezinha se sentiram envolvidos no acontecimento.

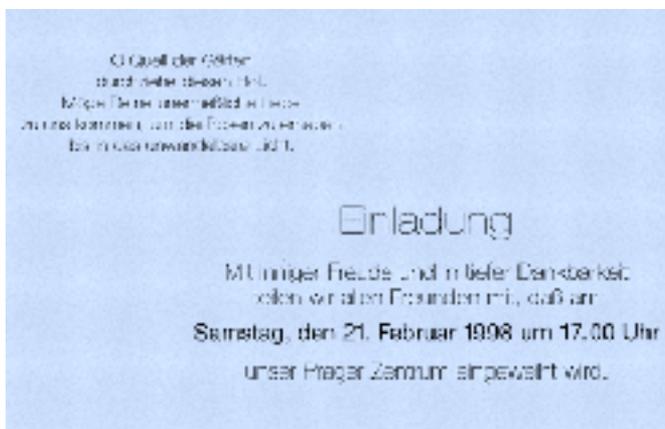


O Centro de Conferências de Karapiro, na Nova Zelândia, situado às margens de uma represa.

Foram os próprios alunos (ou seja, um pequeno número, pois este país só tem 20 alunos) que reformaram o conjunto, adaptando-o às exigências do trabalho gnóstico. Eles transformaram a grande sala, o antigo teatro, em um templo para um máximo de 100 pessoas. Na construção principal, eles colocaram a cozinha, o refeitório e diversos escritórios administrativos. A “Hotelaria” continuou seu papel abrigando os dormitórios; enfim, a oficina foi reduzida e instalada na garagem.

No dia 30 de outubro de 1999, os alunos se reuniram para celebrar solenemente a inauguração do centro de conferências da Nova Zelândia que estava sendo esperada há tanto tempo. Havia três convidados australianos, um aluno do Reino Unido, cinco alunos da Alemanha e 20 dos Países Baixos.





PRIMEIRA CONFERÊNCIA DE RENOVAÇÃO EM PRAGA

No primeiro número de 1999 nós já havíamos mencionado os eventos promissores da República Checa. No decorrer do ano passado, os vinte alunos de Praga mantiveram suas promessas amplamente. O centro encontra-se no pátio interno de um conjunto de edifícios do bairro histórico de Wyschegrad, perto da cidade antiga. Depois da inauguração do templo, no dia 17 de março de 1998, foi realizada a reforma do andar térreo com a criação de uma cozinha, de um refeitório e de uma sala para a Mocidade. No dia 13 de abril de 1999, 26 alunos checos e 59 convidados estrangeiros encontraram-se reunidos para uma primeira conferência de renovação, todos alojados fora do local. Foi

Praça Kresomyslova,
8, em Praga.



anunciado que a equipe do centro havia conseguido comprar a casa inteira, incluindo o pátio. De abril a junho, os alunos renovaram as fachadas e o pátio interno, a fim de que “elas representassem dignamente a Escola”.

UMA ESCOLA, E NÃO UMA SEITA!

A compra, em março de 1999, do que havia sido um local de radares, em Wielun, na Polônia, suscitou uma manifestação contra “a seita” diante da Prefeitura. Graças à atitude calma e imparcial das autoridades, a excitação logo acabou. O jornal “Ziemia Wielinska” trazia como manchete: “Rosa-cruzes no lugar da OTAN?” mas logo no dia seguinte, ele afirmava que os habitantes de Wielun não precisavam se preocupar. Sua manchete dizia: “Uma escola, e não uma seita!” para sossegar a todos. Outros jornais publicaram artigos sobre o assunto e as respostas na seção de cartas. Surgiram informações no site internacional do Lectorium Rosi-crucianum para responder às insinuações e à emoção. O casal de intendentess do primeiro centro de conferências da Polônia abriram suas portas aos interessados e a reação foi positiva. Um certo número de profissionais convidados a colaborar com a reforma do local respondeu com entusiasmo ao convite.

Wielun é uma cidade antiga e moderna ao mesmo tempo, situada no centro do país. Ela tem acesso fácil por trem ou por carro. O centro de conferências se encontra um pouco fora da cidade, em um vale onde se alternam campo e floresta. O terreno de pelo menos 6 hectares compreende quatro “villas” e 3 grandes edifícios de cerca de 400 m², todo em bom estado e

pronto para tornar-se um centro de conferências digno deste nome. No edifício maior serão instalados um templo provisório, um refeitório e dormitórios para 100 a 140 pessoas. O acabamento do piso do templo foi colocado logo que se iniciaram os primeiros dormitórios e a *villa* da entrada ficou completamente pronta para a equipe. O aquecimento central foi instalado e o jardim, que estava invadido por ervas daninhas foi energicamente limpo, pois o conjunto ficou desocupado durante três anos. Agora, o centro dispõe, na primeira *villa*, de um refeitório e de um templo provisório para as 20 pessoas que trabalham ao ar livre. A segunda *villa* abrigará os intendentês e a administração. A inauguração oficial e a consagração do templo, assim como a primeira conferência, estão previstas para setembro do ano 2000. A compra foi financiada pelos Fundos instituídos há 10 anos e a reforma, pelos Fundos Internacionais da Suíça. Muitos alunos poloneses também contribuíram mais do que haviam anunciado que fariam e agora podem passar “seus dias de liberdade” em Wielun.



Ao alto: reunião da Direção Nacional da Polônia no jardim de Wielun. Embaixo: prédio do templo provisório.



NYIREGYZÁSA, NOVO CENTRO NA HUNGRIA

Ao alto:
Nyiregyzaha
Embaixo:
Miskolc.

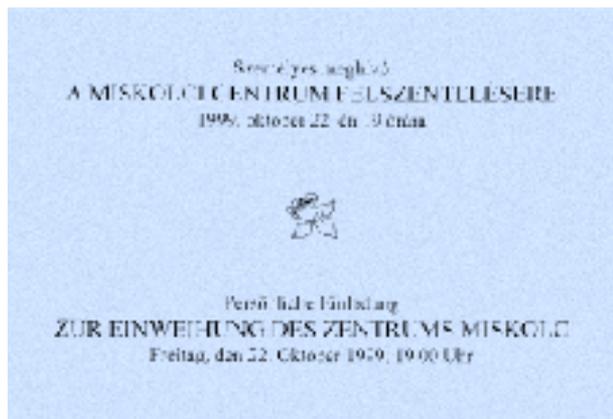
A pronúncia do nome desta cidade da Europa central não é problema... para os húngaros. “Nyir” lembra as grandes florestas de bétulas e “egybaz” significa “a única casa de Deus”, ou “igreja-mãe”.



A partir da necessidade de alguns alunos desta cidade e dos arredores, o Lectorium Rosicrucianum começou a organizar conferências públicas em 1995. Em fevereiro de 1997, já havia 34 alunos e associados. Alugaram uma casa para fazer o núcleo, onde o primeiro serviço templário aconteceu no final de maio de 1999. Quando o proprietário viu as belas transformações aí efetuadas, colocou a casa à venda, mas a direção do centro logo encontrou um novo edifício que foi comprado com a ajuda dos alunos. Em meados de verão e outono de 1998, os trabalhos permitiram a inauguração, no dia 13 de novembro de 1998, na presença de 53 membros deste novo centro.

DUAS REGIÕES LINGÜÍSTICAS SE ENCONTRAM EM MISKOLC, NA HUNGRIA

Quatro húngaros e 4 eslovacos dividem a direção do sétimo centro húngaro em Miskolc, o que fez desaparecer a barreira lingüística entre inúmeras populações. Com a ajuda do grupo de Debrecen, os alunos de Miskolc encontraram um imóvel na Tuzerstraat, e logo o compraram com seu próprio dinheiro. No dia 13 de janeiro de 1999 todos os alunos dos arredores foram convidados a vir fazer o balanço e a colaborar com os trabalhos, que caminharam logo que o tempo permitiu, e no dia 22 de outubro, o novo centro estava pronto para cumprir suas funções.





Refeitório do Centro "O Pelicano", em Uny, na Hungria. Embaixo: brasão da cidade de Uny.

O PELICANO RESSUSCITA NA EUROPA ORIENTAL

Quem imaginaria que um antigo quartel iria se tornar um centro de conferências? Foi o que aconteceu na Hungria. A 30 km a noroeste de Budapeste, os alunos encontraram um conjunto de construções militares em Uny, no meio de um cenário magnífico. O terreno fica num vale e compreende três lagoas. Em alguns meses, os edifícios abandonados foram reformados e se tornaram irreconhecíveis. O Pelicano agora é um belo centro de conferências para cerca de 600 pessoas. Em um dos edifícios, reservado aos oficiais, encontrava-se a imagem do pelicano que alimenta seus filhotes. O mesmo símbolo também se apresenta no escritório da prefeitura de Uny, e portanto ficou claro que se tratava de um lugar muito especial. Nesta cidade descobriram os restos de um templo do século IX e a informação sobre este lugar surgiu pela primeira vez em 1193. Até o século XI a religião oficial da Hungria foi o maniqueísmo. Aí reinava uma dupla monarquia, sob a forma de um rei para os negócios públicos e de um rei-sacerdote, que residia em Uny. No século XVII, o protestantismo era florescente nesta cidade. Além disso, Lajos Kossuth, o chefe da revolução de 1848, era originário de Uny. Portanto, não é de se estranhar que as autoridades e os moradores, um pouco por curiosidade, tenham sido apresenta-

dos à Rosacruz Áurea com um espírito de tolerância e de boa-vontade.

Foi na primavera de 1984 que aconteceu em Budapeste a primeira palestra pública para 33 pesquisadores interessados. Na primeira exposição que se seguiu, vieram 4 pessoas. Dois anos mais tarde, acontecia a primeira conferência de renovação na Hungria, no dia 2 de maio de 1987, quando foi celebrada a inauguração do templo. Pouco depois, houve o desmoronamento do comunismo, e gnosticismo voltava ao país depois de 9º séculos! O número de centros foi aumentando rapidamente, assim como o número de alunos, que logo ultrapassou a casa dos mil. A literatura do Lectorium Rosicrucianum foi traduzida e editada no país, em Debrecen. Durante as conferências, no pe-



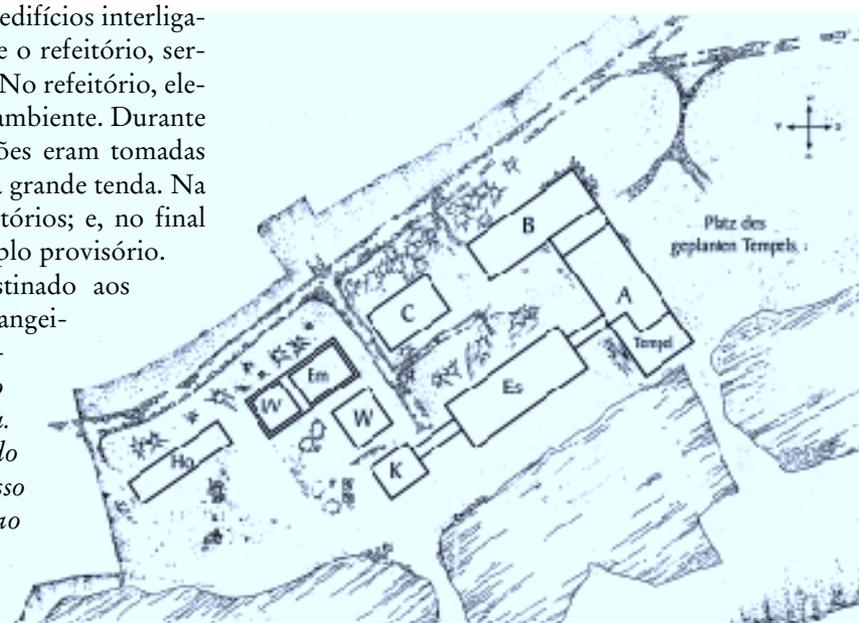


isso que temos necessidade dos “pais-mães que estão plenamente maduros”: esta ajuda procede da consciência de que, acima das fronteiras nacionais, somos todos células de um Corpo-Vivo [...] E que podemos dar em troca? Um pouco de juventude, de esperança, de fogo interior e de impulso espiritual de um grupo composto em sua maioria por jovens, de um grupo de jovens pioneiros em desenvolvimento”.

Algumas semanas depois desta primeira conferência, o grupo internacional dos Jovens Alunos veio construir, pintar, fazer jardins e criar uma quadra de jogos para as crianças.

queno centro de Budapeste, de 300 a 500 alunos assistiam aos serviços espremidos uns contra os outros, e muitos em pé. Era indispensável que se construísse um centro maior. Num sábado, 12 de junho de 1999, aconteceu a consagração do templo e a inauguração oficial do centro de conferências de Uny, que foi assistida por 450 húngaros e cerca de 200 alunos da Alemanha, da Croácia, dos Países Baixos, da Sérvia, da Eslováquia, da Eslovênia e da Suíça. Olhando a planta, à esquerda vê-se a entrada, um terreno ondulado onde será construído o conjunto dos cinco templos. À direita, encontram-se os escritórios e alojamento da equipe (EM) e do intendente (IV). Em frente, dois edifícios interligados abrigam a cozinha e o refeitório, servidos por um corredor. No refeitório, elegantes arcos dividem o ambiente. Durante a conferência, as refeições eram tomadas neste espaço ou em uma grande tenda. Na construção B há dormitórios; e, no final da construção A, o templo provisório.

Em um folheto destinado aos alunos do país e do estrangeiro, o intendente declarava: *“Estamos criando um centro na Hungria. Nele estamos acendendo um archote. Este processo pode ser comparado ao nascimento, quando é preciso superar muitos obstáculos. E é por*



Vista aérea do Centro de Conferências de Uny.

O ANEL DA SABEDORIA

*Ó maravilha,
Um jardim em meio às chamas,
Meu coração se abre a cada forma:
Ele é prado para as gazelas,
Claustro para monges cristãos,
Templo para os deuses,
Kaaba para os peregrinos,
Mesa para o Thorá,
Livro para os versos do Corão.
Fiel às religiões do amor,
Qualquer que seja a senda delas,
O rastro delas é minha religião
e minha fé.*

Ibn Arabi, o autor do poema citado acima, nasceu em 1165 em Múrcia, na Andaluzia, e morreu em Damasco em 1240. Em sua época, o Islã tolerava o judaísmo e o cristianismo, e estas três religiões viviam em pleno acordo. Ibn Arabi, o “grande mestre” do sufismo, transmite em seus mais de 700 textos, *a doutrina da unidade ou “wahdat alwudjud”*. Durante sua vida, ele sofreu a hostilidade dos representantes da ortodoxia islâmica, e ele foi qualificado de panteísta. Além disso, muitos, tanto hoje como antigamente, o louvavam profundamente e consideravam sua obra como o máximo da teosofia e da filosofia do sufismo. Inúmeros pesquisadores, tanto individualmente quanto em grupo, interessam-se vivamente por suas idéias e pensamentos profundos.

Quando jovem, Ibn Arabi foi inspirado por uma visão de Moisés, Jesus e Maomé. Esta visão lhe deu o sentimento de que estava sendo escolhido por Deus. Há um só Deus, de onde procede toda a

sabedoria, e para Ibn Arabi o conhecimento dos profetas provinha desta fonte divina. O ponto central de sua doutrina é o “*wahdat alwudjud*” que geralmente é traduzido como “unidade do ser”: é por isso que muitos conceitos sufis são tachados de panteístas ou de monoteístas.

Entretanto, “*wudjud*” não significa somente “ser”, como demonstrou a professora holandesa Annemarie Schimmel, que indica como é possível traduzir corretamente este conceito. Esta palavra também pode significar, por exemplo, “encontrar” ou “ser encontrado”, o que faz com que surja a relação entre Deus e o homem como Ibn Arabi a entende. Tudo recebe seu “*wudjud*”, ou existência, porque tudo se “*encontra*” em Deus e é conhecido por Ele. Deste ponto de vista, o que é real é o que está voltado para Deus: o resto não existe. Esta proposição mostra a origem da concepção dos dois mundos ou das duas naturezas. O homem terrestre que não conhece Deus não faz parte da existência real.

O SER HUMANO É UMA SOMBRA DE DEUS

Em “*Fusus al Hikam*” (O Anel da Sabedoria), a relação entre a unidade e a multiplicidade, entre Deus e o homem é evocada de maneira precisa. Entre o mundo (o que é não-divino) e Deus há a mesma relação entre uma sombra e o que a projeta. O ser humano, o mundo, o que “não é”, é a sombra de Deus. Esta sombra é perceptível sensorialmente exclusivamente por alguém que tem esta aptidão. Se não houver ninguém capaz de perceber esta sombra, então esta continua em esta-

do de abstração não perceptível pelos sentidos. Em outras palavras, a sombra está presente em potencial na aparência material que tem alguma relação com ela.

A SOMBRA É TÃO DESCONHECIDA QUANTO A SUA ORIGEM

O mundo é o campo de existência do homem decaído e este campo de desenvolvimento é uma projeção do divino. Em outras palavras, o ser divino não é visível. Sabemos tão pouco sobre Deus quanto sobre as formas sob as quais Ele se manifesta. Da mesma forma que um som ou que uma frequência somente podem ser percebidos por um instrumento adaptado a eles, da mesma forma, a sombra divina somente será percebida por sentidos adaptados, sem que estes tenham, por isso, a capacidade de perceber Deus.

Estes conceitos importantes evocam a alegoria da caverna de Platão. Nesta caverna, encontram-se homens que estão acorrentados a ela desde muito jovens. Eles não podem voltar a cabeça e não vêem, portanto, a entrada diante da qual arde uma fogueira. Diante desta fogueira passam todos os tipos de formas que projetam sua sombra sobre a parede do fundo, enquanto os ruídos do exterior somente chegam até a caverna sob a forma de ecos. Para os prisioneiros, essas sombras e esses ecos são a única realidade, e, no entanto, é uma realidade inexata. Este exemplo mostra bem a relatividade do mundo e do eu. Esta tomada de consciência é a primeira etapa na senda da Verdade: *“Homem, conhece-te a ti mesmo.”*

No livro *“O Anel da sabedoria”*, Ibn Arabi declara:



“O conhecimento que temos de Deus é tão ínfimo quanto os fenômenos por meio dos quais Ele se manifesta”.

E ele explica: *“Se uma luz incolor atravessar um vidro colorido, ela ficará da cor do vidro. Quem diz que a luz é verde, diz a verdade a partir de seu ponto de vista, e seus sentidos testemunham a favor desta verdade. Mas, quem diz que a luz não é nem verde nem colorida, diz a verdade e é a razão sã que dá testemunho desta verdade”.*

A APARENTE MULTIPLICAÇÃO DA LUZ

Quando a luz atravessa pedaços de vidro de diferentes cores, acontece uma multiplicação aparente desta, conforme a consciência dos observadores. O sufi Abdul Quasim al Djunaid diz: *“A água é da cor daquele que a olha”.* Da mesma

forma, um processo ou um certo número de características dependem do ponto de vista do observador. Podemos dizer da luz que penetra tudo no universo que ela é “branca” e que ela não pode ser percebida a não ser por aqueles que se encontram nela. Para tocar os homens, a luz deve adaptar-se a sua consciência, a fim de fazê-los sair de sua decadência.



**NATHAN, O SÁBIO, CONTOU
AO SULTÃO SALADINO
A SEGUINTE HISTÓRIA:**

Era uma vez, no Oriente, um homem que possuía um anel de um valor inestimável. Esta jóia era enfeitada com uma opala cintilante de inúmeras cores. Este homem queria deixá-la como herança a seu filho preferido. Ele a enviou em seu leito de morte e esta tradição se perpetuou. Finalmente, o precioso anel acabou sendo possuído por um pai que tinha três filhos que ele amava igualmente. Na impossibilidade de escolher entre eles, ele mandou fazer dois outros anéis idênticos e, logo antes de morrer, deu um anel a cada um deles. Esta história consta do Decameron de Bocage, mas Lessing a desenvolveu: a impossibilidade de distinguir

o verdadeiro anel significa que as três religiões são, no fim, todas verdadeiras. Lessing acrescenta uma nova interpretação: o verdadeiro anel possui uma força secreta que faz com que seu possuidor seja reconhecido, desde que seja digno desta força. Entretanto, os irmãos brigam e nenhum dos três consegue se fazer reconhecer. Daí vem a impressão de que os três anéis (e portanto as três religiões) são verdadeiras. Elas não podem fazer de outro modo: seguir a ordem do cádi, aceitar-se, tolerar-se e amar-se mutuamente.



Lessing com seus amigos na Galeria Baumhaus, em Hamburgo (gravura em madeira, D. Spekter, 1768, Museu de Arte Hamburguesa, em Hamburgo).

“O QUE É A VERDADE?”

Esta pergunta fez lembrar Nathan, o Sábio, a quem pediram que demonstrasse a verdade das diferentes religiões. Para ilustrar este difícil problema, ele conta a história dos Três Anéis. Um pai tinha um anel que queria legar a um de seus filhos. Como ele amava seus três filhos igualmente, mandou fazer duas cópias perfeitas, de modo que não teria de decidir a qual dos três deveria dar o anel verdadeiro. Era impossível distinguir os dois outros, diz Nathan. Os três irmãos começaram a brigar, mas o “cádi”, o juiz, os absolveu dizendo que o verdadeiro anel acabaria mostrando seu poder. “Convoco os netos de seus netos a apresentar-se diante deste tribunal daqui a mil anos.” Concluíram que a autenticidade do anel surgiria graças à autenticidade de quem o usasse. De repente, a questão de saber qual era o verdadeiro anel tornou-se menos importante. Tratava-se de receber a herança como um tesouro interior, de compreender o dever que esta herança implica e agir em conformidade com este dever.

Ibn Arabi prossegue: “Compreendam o

que estou explicando com profundidade! Pois as coisas são da forma que eu disse a todos: o mundo realmente não existe. É o que entendemos por ‘imagem mental’ [hyial]. Temos a impressão de que o mundo basta a si mesmo, que ele está fora de Deus e substituindo Deus. Não é verdade. Olhem o que vocês são e que relação vocês têm com Deus. No que vocês seriam Deus? E em que o mundo (que está fora de Deus e não é divino) corresponde a isso que vocês estão constatando? E se tudo o que foi apresentado a vocês é exato, sabiam então que vocês são uma imagem mental e que tudo o que é percebido por vocês e sobre o qual vocês dizem para si mesmos: ‘Isso não sou eu’ é também uma imagem mental.” ‘Ser’ não é, portanto, nada mais do que uma imagem mental de uma imagem mental, e a realidade somente existe quando está em Deus, que é ‘uno’ de acordo com sua essência, mas não de acordo com seu nome. A unidade mostra tudo o que é real, a multiplicidade, tudo o que é imagem mental.”

Assim a multiplicidade se explica pela unidade e dela procede; e a unidade se encontra na multiplicidade. A multiplicidade é visível por suas características

conhecidas. O homem foi criado, e criou a si mesmo.

O HOMEM COMO CORPO TRANSPARENTE

A idéia de unidade começa no coração. Ibn Arabi fala da disposição do coração, que é um poder. Portanto, a fonte inesgotável que dá a vida pode se esvaír se seu utilizador temporário, o homem, não impedir que isso aconteça. Se ele tiver uma disposição ativa e a vontade de cumprir sua missão interior, seus atos comprovarão isso; se não tiver, a luz se divide e se mostra na cor de sua consciência oposta. O ser que vive uno com Deus é qualificado por Ibn Arabi de “corpo transparente”, pois ele já não dá cor à pura luz branca e já não divide o raio divino.

MTI-MFALM, A LENDA DA ÁRVORE REAL

Da África, logo abaixo do Saara, nos vem a lenda de Mti-Mfalm, a árvore real. Ela começa como um conto de fadas: era uma vez uma árvore imponente por sua folhagem abundante e suas flores, únicas em seu gênero, tanto por seu colorido como por seu maravilhoso perfume, que acabavam por dar a esta árvore gigante um ar de majestade. Mti-Mfalm era inigualável. Enquanto o limite da floresta ficava longe das casas dos homens, Mti-Mfalm ocupava o centro de um grande vilarejo.

Para a comunidade de almas que vivia à sua volta e nos arredores, sua presença era uma graça e uma vantagem, pois essa árvore simbolizava a unidade, a sabedoria, a harmonia, o amor e a concórdia entre todos os habitantes da cidade.

Mti-Mfalm não era propriamente uma árvore de conferências, onde as soluções dos conflitos somente acabavam em torneios de retórica e meditações laboriosas.

Quando explodia um conflito entre homens ou grupos de homens, os sábios tentavam a conciliação caso a caso. Mas, se as discussões não eram resolvidas, pediam aos oponentes que ficassem muito tempo debaixo de Mti-Mfalm, sentados sobre o tapete de folhas e de flores mortas, sem dizer nada, deixando-se impregnar pelos odores que vinham da vegetação abundante que apaziguavam os impulsos dos corações agitados. E durante muito tempo foi assim que aconteceu.

Mas eis que um dia, sem que houvesse tempestade ou ventania, os habitantes da

cidadezinha foram surpreendidos por um ruído que parecia um trovão. Eles pensaram em tudo, menos que Mti-Mfalm tivesse caído. Quando acordaram, realmente foi um grande espanto. Alguns gritavam que era a maldição que estava caindo sobre os habitantes da cidade; algumas mulheres e crianças, tomados de pânico, puseram-se a chorar; a cidade inteira ficou de luto. Houve quem reconhecesse na queda da árvore um sinal que anunciava calamidade. Logo, todos ou quase todos ficaram entregues a sombrias conjeturas.

Entretanto, um pequeno grupo de homens viu a coisa sob uma luz menos dramática, e eles avaliaram que o melhor a fazer era ir procurar os velhos sábios para perguntar sua opinião sobre uma tão vasta catástrofe.

É claro que eles foram procurar o mais velho e o mais sábio, um homem de quase 100 anos, com um rosto que não traía nem o menor sentimento de seu coração.

Um dos habitantes da cidadezinha lhe perguntou:

– *O senhor soube, ó grande sábio, da grande infelicidade que aconteceu em nossa cidadezinha?*

– *Claro que sim, meu filho, respondeu o homem centenário com um sorriso, que era bem raro ele dar.*

– *O senhor parece que não está ligando para isso.*

– *Nem tanto quanto vocês, meu filho!*

– *E por que não, ó grande sábio?*

– *Simplemente porque uma árvore que teve tanta compaixão, que desde tempos remotos teve piedade das infelicidades dos homens e participou do caos que reina em seu coração está condenada, certamente, a cair! O mais surpreendente é que isto somente tenha acontecido agora!*

– Então o senhor sabia que Mti-Mfalm iria desabar?

– E não fui o primeiro: nossos ancestrais já sabiam disso!

– E eles não pensaram que aconteceria alguma coisa quando a árvore caísse?

– Claro que sim!

– E o que eles predisseram que deveria ser feito?

– Nada além do que fazem os agricultores. Eles comem a semente, mas guardam um pouco para semear a fim de que a terra lhes dê uma nova semente. Nela está escrita toda a história da planta.

– O senhor quer dizer, ó oráculo, que deveremos replantar uma semente de Mti-Mfalm?

– Claro. Procurem no alto da copa de Mti-Mfalm: aí vocês encontrarão uma semente. Esta semente traz a história de Mti-Mfalm.

Nem bem o sábio terminou de falar, os jovens da aldeia que vieram consultá-lo voltaram em direção de Mti-Mfalm, buscando a semente. Apesar da queda, pôde ser encontrada uma semente no galho mais alto. Eles se perguntaram, então, o que deveriam fazer. Alguns achavam que seria preciso plantá-la bem ali, perto de Mti-Mfalm.

A opinião que prevaleceu foi a de um pequeno número que pediu que todos voltassem a consultar a sabedoria do patriarca.

Depois de uma nova conversa, o sábio observou que plantar a semente no local da fatalidade seria um erro monumental.

– Pois (respondeu ele a um membro do grupo que fazia perguntas): a lei inexorável que provocou a queda de Mti-Mfalm será impiedosa com sua semente, ainda tenra e frágil, e que traz em si a imagem da árvore real.



Os jovens convenceram-se desta verdade e se apressaram em deixar o velho sábio para colocar em prática seus conselhos. Mas eles o deixaram um pouco depressa demais, pois tiveram que se render mais uma vez à evidência de que não tinham todos os detalhes sobre a operação. É verdade que falando de uma terra hospitaleira, havia certamente alusão a uma terra fértil, ao humus, mas não se sabia nada sobre o resto, o grau de umidade, em que profundidade a semente deveria ser enterrada etc.

Eles voltaram, portanto, a consultar o sábio que, sorrindo, lhes disse:

– Meus filhos, eu compreendo a sua confusão, e louvo os esforços que vocês estão fazendo para reviver Mti-Mfalm. Tenham paciência para me escutar e irão terminar sua obra. Coloquem a semente na terra a uma profundidade de um cúbito. Façam um cercado de bambu para evitar que uma cabra devore a plantinha.

– Acredito, ó grande sábio, que agora estamos satisfeitos – gritou uma voz do grupo.

– Não tão depressa, retorquiu o velho. Faz muito tempo que a semente carre-

Afresco, em Praga, Checoslováquia.

ga a história de Mti-Mfalm e nem por isso ela é menos frágil. É preciso sustentá-la por um tempo. Eis o que vocês devem fazer: ao lado da semente, colado a ela, coloquem um caule forte, uma estaca, para que não se possa confundir a árvore com a erva daninha. A planta irá se apoiar sobre ele, até que a árvore ganhe força para crescer sozinha.

Tendo dito isso, o velho olhou atentamente para o rosto de seus interlocutores e apontou para um deles:

– Você, meu querido filho, você vai ter a tarefa pesada de tomar conta “dos primeiros passos” da nova Mti-Mfalm. Seja vigilante; que a estaca jamais seja confundida com a árvore real. Se isso acontecer, arranque-a e jogue-a no fogo.

Alguns dias se passaram. O guardião, como de costume, ficava no lugar onde havia sido plantada a semente. Um dia, qual não foi o seu espanto ao constatar que a estaca havia enraizado, pois era possível ver seus brotos e até mesmo folhas em todo o caule!

– O que estou vendo, ó estaca, você é a árvore real?

– Claro! Você duvida?

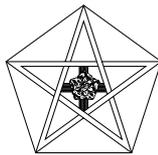
Sem esperar mais, e lembrando-se das recomendações do sábio, o guardião arrancou a estaca e colocou uma outra em seu lugar. Outros dias se passaram; o guardião ia, como sempre, até o pequeno cercado do qual se encarregara de cuidar.

Qual não foi o seu espanto ao observar mais uma vez que a segunda estaca tinha criado raízes também! Ele agiu como lhe disseram e jogou todas as estacas que tentaram passar pela árvore real. No entanto, um dia, a décima-primeira estaca mostrou-se mais humilde e respondeu ao

guardião que a planta que ela tinha que sustentar havia vindo antes dela e que existiria depois dela.

A lenda termina com a imagem de uma jovem e poderosa árvore, que já possuía todas as qualidades da Mti-Mfalm original. A estaca havia desaparecido, engolida pela árvore real que se elevava nos ares, rumo às alturas.

Esta antiga lenda africana serviu de tema para uma palestra pública do Lectorium Rosicrucianum em Kinshasa, capital da República Democrática do Congo.



“O homem vivia em um mundo superior, em total harmonia com a lei do Espírito. Mas ele se desviou livremente de seu Criador para construir um mundo ‘melhor’, acreditando que era imortal. Então, as três dimensões da vida terrestre lhe impuseram suas leis, que ele deve respeitar para viver: quer ele queira, quer não!”

(A manifestação do espírito divino: objetivo da vida humana, p. 16)